

# TRADUÇÕES RTS SÉRIE IRMÃS MÁGICAS LIVRO 1



## MAGIA AO VENTO

**Christine Feehan**

Tradução, revisão, formatação:  
Comunidade **RTS - ORKUT**:

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=18008059>

**Tradução e Formatação:** Jossi Slavic  
**Revisão:** Luciana Frehia

1

Sara voltou. Sara voltou para casa.

O cochicho era muito ruidoso e misturado a algo próximo do temor. Ou do respeito. Damon Wilder não podia decidir-se. Vinha escutado o mesmo rumor desde fazia várias horas e sempre no mesmo tom apagado. Odiava admitir que sentisse curiosidade e não ia rebaixar se a perguntar, não depois de ter insistido tanto em seu desejo de absoluta privacidade desde sua chegada o mês passado. Enquanto passeava rua abaixo pela estreita calçada de madeira, o vento pareceu sussurrar: "Sara retornou". Ouviu-o enquanto passava junto ao posto de gasolina e o corpulento Jeff Dockins lhe saudou. Ouviu-o quando se atrasava na pequena padaria. Sara. O nome não deveria encerrar nenhum mistério, mas o fazia.

Não tinha idéia de quem era Sara, mas ela inspirava tanto interesse e temor na gente do povo, que o tinha totalmente intrigado. Sabia por experiência que a gente do pequeno e sonolento povo costeiro não era fácil de impressionar. Nem grandes quantidades de dinheiro, fama, ou título ganhava alguma deferência. Todo mundo era tratado por igual, do mais pobre ao mais rico, e não parecia haver nenhum tipo de prejuízo religioso ou de nenhuma outra classe. Por isso tinha elegido este povo. Um homem poderia ser qualquer coisa aqui e a ninguém importaria.

Durante todo o dia tinha ouvido murmúrios. Nenhuma só vez tinha captado a mais breve olhada da misteriosa Sara. Mas tinha ouvido que uma vez escalou os escarpados sobre o mar para resgatar um cão. Uma tarefa impossível. Ele tinha visto esses escarpados e ninguém poderia escalá-los. Encontrou-se a si mesmo sorrindo diante da idéia de que alguém tentasse semelhante façanha impossível, e poucas coisas o divertiam ou intrigavam.

A única loja de comestíveis estava situada no centro do povo e as maiores partes dos rumores se originavam ali e depois se estendiam como um rastilho de pólvora. Damon decidiu que necessitava umas poucas coisas antes de voltar para casa. Não levava na loja mais de dois minutos quando ouviu de novo. "Sara retornou". O mesmo sussurro apagado, o mesmo temor e respeito.

Inês Nelson, proprietária da loja de comestíveis, entretinha a sua corte, espalhando rumores como fazia normalmente, em vez de cuidar da caixa registradora. Normalmente ele ficava louco por ter que esperar, mas desta vez atrasou-se perto da estante do pão com a esperança de saber mais da misteriosa Sara que finalmente havia retornado.

- Você está segura, Inês, - perguntou Trudy Garret -, arrastando a seu filho de quatro anos para ela e quase estrangulando o menino com seu abraço-. Suas irmãs voltaram também?

- Oh, tenho certeza. Entrou diretamente na loja tão real como você e comprou uma tonelada de comestíveis. Disse que estava de volta na casa do escarpado. Não disse nada das outras, mas se uma delas aparece, as outras não estarão muito longe.

Trudy Garret olhou ao redor, baixando o tom de sua voz outro oitavo.

- Era ainda... Sara?

Damon revirou os olhos. Todo mundo o irritava. Pensou que mudar-se para um povo pequeno melhoraria um pouco, mas simplesmente a gente era idiota. É obvio que Sara era ainda Sara. Quem diabos poderia ser? Provavelmente Sara era a única com cérebro em um raio de cinquenta milhas à volta, por isso todos pensavam que era diferente.

- O que poderia significar \_perguntou Trudy\_. Sara só volta quando algo vai acontecer.

- Pergunte-lhei se tudo ia bem e ela simplesmente sorriu dessa forma que tem e disse sim. Não quererá que me meta nos assuntos da Sara, não é, querida, - disse- Inês piedosamente.

Damon deixou que seu fôlego escapasse em um rouco assobio de impaciência. Inês fazia de meter-se nos assuntos de todo o mundo o trabalho de sua vida. Por que deveria ser a ausente Sara excluída?

- A última vez que estive aqui, Dockins quase morreu, lembra-se disso?\_ perguntou Trudy\_. Caiu de seu telhado e Sara simplesmente passeava por ali... Sua voz decaiu e percorreu a loja com o olhar e baixando a voz a um tom conspirador sussurrou - O velho Mar da quitanda disse que Penny lhe contou que Sara...

-Trudy, querida, sabe que Mar é totalmente indigno de confiança nas coisas que diz. É um homem encantador e doce, mas algumas vezes se imagina coisas. - apontou Inês \_.

O velho Mar era um resmungão reconhecido, e conhecido por atirar fruta aos carros se estava do humor apropriado. Damon esperou que um relâmpago caísse sobre a Inês por sua fragrante mentira, mas nada aconteceu. O pior era, que Damon queria saber o que o velho Mar havia dito sobre Sara, inclusive se era uma flagrante mentira. E essa verdade lhe irritava.

Trudy se inclinou aproximando-se mais, olhando de forma dramática à direita e esquerda sem sequer notar que ele estava ali. Damon suspirou pesadamente, desejando sacudir a mulher.

- Lembra a vez que o pequeno Paul Baily caiu dentro desse respiradouro?

- Lembro, agora que você menciona. Estava tão encaixado que ninguém podia tirá-lo, teria deslizado ainda mais para baixo. A maré estava subindo.

- Eu estava ali, Inês, vi como ela o tirava -. Trudy se ergueu. - Penny disse que ouviu de seu cabeleireiro que Sara estava trabalhando para uma agência secreta e que a tinham enviado em segredo a algum país estrangeiro para assassinar a líder de um grupo terrorista.

- Oh, não acredito, Trudy. Sara não mataria nem uma mosca. - As mãos da proprietária da loja voaram até sua garganta em protesto-. Simplesmente não pôde imaginá-lo.

Damon já tinha ouvido suficientes fofocas. Se não foram dizer nada que valesse a pena ouvir, sairia endiabradamente rápido dali antes que Inês voltasse seu ponto de vista para ele. Deixou cair suas provisões sobre o balcão e tentou aparentar estar tão aborrecido como foi possível.

- Tenho pressa, Inês. - Disse, esperando facilitar as coisas e evitar os costumeiros intentos do Inês de travar conversação.

- Vá, Damon Wilder, que agradável vê-lo por aqui. Conhece a Trudy Garret? Trudy é uma mulher maravilhosa, natural de nosso povo. Trabalha no "Salt Bar and Grill". Você ainda não foi comer ali? O salmão é muito bom.

\_ Isso escutei \_. Murmurou ele, logo olhando Trudy em reconhecimento da apresentação. Não lhe importava o que todos eles refletiam sobre ele, inventando a história que ele se negava a lhes proporcionar. Sentia um pouco de lástima pela recém-chegada Sara. Também se inventavam coisas sobre ela.

- Poderiam me contar algo sobre a formosa casa antiga dos escarpados? - Disse, surpreendendo-se a si mesmo. Surpreendendo a Inês. Ele nunca dava a ninguém pé para começar uma conversação. Queria que o deixassem em paz. Maldita Sara por ser tão misteriosa.

Inês tinha jeito de quem ia deprimir se e por um momento ficou sem fala.

- Devem saber de qual falo. - Insistiu Damon, apesar de si mesmo. - Três pisos, balcões por toda parte, uma torre redonda. A erva está bastante alta ao redor da casa, mas há um caminho que conduz ao velho farol. Estive passeando por ali e com toda essa vegetação selvagem, esperava que a casa estivesse em mal estado, lapidada como a maioria das casas abandonadas de por ali, mas estava em perfeitas condições. Eu gostaria de saber que verniz utiliza.

- Isso é propriedade privada, senhor Wilder. - Disse Inês -. A casa pertenceu à mesma família durante centenas de anos. Não sei que utilizam com a pintura, mas resiste bem às inclemências do tempo. Ninguém fareja ao redor dessa casa. - Inês o estava definitivamente reprimendo.

- Eu dificilmente farejo, Inês. - Disse exasperado. - Como bem sabe, o salitre do mar é mau para a pintura e a madeira das casas. Essa casa está em condições admiráveis. De fato, parece recém construída. Sinto curiosidade por saber o que utilizam. Eu gostaria de conservar minha casa do mesmo modo. - Fez um esforço por soar razoável apesar de estar molesto -. Sei um pouco de química e não posso imaginar o que manteria uma casa tão imaculada durante anos. Não há sinais de danos causados pelo mar, pela idade, ou sequer pelos insetos. Admirável.

Inês apertou os lábios, sempre um mau sinal.

- Bem, decerto que eu não tenho nem idéia. - Sua voz esta tensa, como se estivesse altamente ofendida. Cobrou-lhe as provisões em um tempo recorde sem dizer nenhuma palavra mais.

Damon agarrou as bolsas com um braço, sua expressão desafiava Inês a lhe perguntar se necessitava de ajuda. Apoiando-se pesadamente em sua fortificação, voltou-se para Trudy.

- O da barbearia canina contou ao varredor que tinha visto Sara caminhar sobre a água.

Os olhos do Trudy se abriram com surpresa, mas havia credulidade em sua cara. Inês fez algum tipo de ruído que ele não pôde identificar. Aborrecido, Damon se voltou sobre seus talões e saiu. Desde que havia ouvido pela primeira vez sussurrar o nome do Sara tinha estado inquieto. Perturbado. Agitado. Havia algo pouco familiar crescendo em seu interior. Antecipação? Excitação? Isto era ridículo. Murmurou uma maldição em voz baixa contra a ausente Sara.

Queria que lhe deixassem em paz, não? Não tinha nenhum interesse na mulher sobre a qual o povo mexericava. Sara podia não caminhar sobre a água, mas sua casa era um mistério. Não via razão pela qual não devesse fazer à sua vizinha mais próxima uma visita e lhe perguntar que verniz utilizava na madeira para obter esses resultados quase impossíveis.

Damon Wilder era um homem conduzido à beira da loucura. Mudar-se a este diminuto povo na costa era seu último esforço por aferrar-se à vida. Não tinha nem idéia de como ia fazer isso, ou por que tinha escolhido este povo em particular com todos seus excêntricos residentes, mas havia se sentido atraído até ali. Nada mais. Tinha caminhado sobre a rica terra e sabido que ou este lugar era seu lar ou não teria nenhum. Era um inferno tentar encaixar, mas o mar lhe reconfortava e as largas paredes de rocha de milhões de anos e os escarpados ocupavam sua mente.

Damon tomou seu tempo para guardar as provisões. O conhecimento de que este povo, este lugar, era sua última oportunidade tinha sido tão forte que realmente tinha comprado uma casa. Sua casa era uma das poucas coisas que lhe davam prazer. Adorava trabalhar nela. Adorava a madeira. Podia perder-se na arte de reformar uma moradia para que encaixasse com suas necessidades exatas. O

trabalho lhe ocupava durante horas de forma que nada mais podia invadir seu cérebro e se sentia em paz durante um momento.

Olhou por sua grande janela, que tinha vistas para o mar. Tinha um vista limpa da casa do escarpado. Damon tinha passado mais horas das que queria recordar olhando para as silenciosas janelas escuras, os balcões e as ameias. Era uma casa única de outro século, outro tempo e lugar. Havia luzes acesas pela primeira vez. As janelas brilhavam em cálida tranquilidade.

A perna lhe doía como o inferno. Precisava sentar-se e descansar, não vagar pelo campo. Damon olhou fixamente para a casa, atraído por sua calidez. Parecia quase viva, lhe suplicando que se aproximasse mais. Voltou-se para seu escritório, com a intenção de sentar-se na cadeira e desfrutar da vista do mar. Em vez disso se encontrou coxeando diretamente pelo caminho que conduzia aos escarpados. Era quase uma compulsão. O caminho era estreito, escarpado e rochoso em alguns lugares, quase não mais que um caminho de cervos e de vegetação emaranhada. Sua fortificação se deslizou sobre os calhaus e duas vezes esteve a ponto de cair. Amaldiçoava no momento em que chegou ao bordo da propriedade privada.

Ficou ali olhando em estado de choque. Tinha estado ali dois dias antes, passeando ao redor da casa e os terrenos. Tinha havido uma vegetação selvagem, altos arbustos e restolhos por toda parte. Os arbustos e árvores se encurvaram por causa da geada invernal sobre as folhas. Uma notável ausência de ruído tinha dotado ao lugar de uma sensação estranha e horripilante.

Agora havia flores, como se tudo tivesse explodido florescendo na noite. Umhas miríades de cores apareciam ante seus olhos, um tapete de grama sob seus pés. Podia ouvir insetos zumbindo, o ruído das rãs coaxando alegremente daqui para lá como se a primavera tivesse chegado instantaneamente.

A grade, que tinha estado firmemente fechada, abria-se agora em boas-vindas. Tudo parecia lhe dar boas-vindas. Uma sensação de paz começou a lhe alagar o coração. Uma parte dele desejava sentar-se em um dos convidativos bancos e embeber-se da atmosfera.

Subiam rosas pela grade e havia rododendros por toda parte, grandes bosques deles. Nunca tinha visto tal quantidade de novelo. Damon começou a percorrer o atalho, notando que não havia nenhuma má erva. Percorreu as pedras que conduziam para a casa. Cada uma das pedras arredondadas tinha um símbolo meticulosamente gravado. Tomou-se grande cuidado em esculpir o símbolo profundamente na pedra. Damon se agachou para tocar o trabalho altamente gentil. Admirou o artesanato e o detalhe. O artesanato do pequeno povo tinha todo esse rasgo, algo que ele respeitava muito.

Enquanto se aproximava da casa, um vento se levantou do mar e levou-lhe um respingo de água salgada e uma rítmica melodia. "Sara retornou, Sara está em casa". As palavras foram cantadas através da terra jubilosamente. Estava em todas

as partes, toda classe de pássaros, movendo-se com rapidez de árvore em árvore, uma revoada de asas no alto. Os esquilos cantarolavam enquanto se apressavam de ramo em ramo. O sol se afundava sobre o oceano, voltando o céu de brilhantes tons de rosa, laranja e vermelho. Havia névoa no longínquo horizonte, encontrando-se com o mar dando a impressão de que houvesse uma ilha entre as nuvens. Damon nunca tinha visto nada tão formoso. Simplesmente ficou ali, apoiado em sua fortificação e olhando maravilhado a transformação que o rodeava.

Chegavam vozes da casa. Uma era suave e melodiosa. Não pôde captar as palavras, mas o tom abriu caminho através de sua pele até seus ossos. Até seus órgãos vitais. Aproximou-se mais, atraído pelo som, e imediatamente viu dois cães no alpendre dianteiro. Ambos lhe estudaram com atenção, com as cabeças baixas, o pêlo arrepiado, ambos emitindo um som.

Damon ficou congelado. As vozes continuavam. Alguém estava chorando. Podia ouvir o som que rompia o coração. Uma voz de mulher. A voz melodiosa consolava. Damon trocou seu peso e aferrou sua fortificação com ambas as mãos. Se tivesse que utilizá-lo como arma, isso lhe daria mais estabilidade. Apesar de estar diante dos cães, estava mais concentrado na voz. Esforçou-se por ouvir.

- Por favor, Sara, tem que fazer algo. Sei que pode. Por favor, sei que me ajudará. Não posso suportar isto. - Disse a voz que chorava .

A pena era tão profunda que Damon o lamentou por ela. Não podia recordar a última vez que tinha lamentado a dor de alguém. Não podia recordar como sentir nada mais que aborrecimento ou frustração. Os dois cães farejaram o ar e, como se lhe reconhecessem, menearam suas caudas a forma de saudação e se sentaram, com o cabelo outra vez em seu sítio pareciam muito mais amigáveis.

Mantendo um olho nos cães, esforçou-se por captar as palavras que se pronunciavam nesse suave e rítmico tom.

- Sei que é difícil, Irene, mas isto não é como pôr uma tirinha em um joelho arranhado. O que dizem os médicos?

Houve mais soluços. Isso o sacudiu, doeu-lhe, rasgando suas vísceras fazendo que seus intestinos se apertassem e um peso terrível lhe pressionasse o peito. Damon se esqueceu totalmente dos cães e pressionou uma mão sobre o coração. Irene Madison. Agora reconhecia a voz, sabia pela Inês da loja de comestíveis que tinha um filho de quinze anos, Drew, que era um doente terminal.

- Não há esperanças, Sara. Dizem que o leve para casa e tente deixá-lo cômodo. Sabe que pode encontrar uma maneira. Por favor, faça por nós, por mim.

Damon avançou um pouco mais perto da casa, perguntando-se que demônios acreditavam que podia fazer Sara. Um milagre? Houve um pequeno silêncio. A janela estava aberta, o vento fazia que dançassem as cortinas de encaixe

branco. Esperou, contendo o fôlego. Esperou a resposta de Sara. Esperou o som de sua voz.

- Irene, sabe que eu não posso fazer esse tipo de coisas. Somente acabo de chegar. Nem sequer desempacotei. Está-me pedindo...

- Sara, suplico-lhe isso. Farei algo, dar-te-ei algo. Suplico-lhe isso de joelhos... - Os soluços estavam estrangulando Damon. A dor da mulher era tão crua.

- Irene, levante! O que está fazendo? Pare.

- Tem que dizer que virá vê-lo. Por favor, Sara. Nossas mães eram grandes amigas. Se não por mim, faça-o por minha mãe.

- Irei Irene. Não lhe prometo nada, mas irei. - Havia resignação nessa voz amável. Debilidade. - Minhas irmãs estarão aqui em um dia ou dois e logo que todas tenham descansado iremos e veremos que podemos fazer.

- Sei que acredita que estou pedindo um milagre, mas não o faço, só quero mais tempo com ele. Vêm quando tiver descansado, quando as outras tenham chegado e possam ajudar. - O alívio que sentia Irene se derramou sobre Damon e não tinha nem idéia de por que. Somente que o peso que pressionava seu peito se aliviou e seu coração se recobrou durante um momento.

- Verei o que posso fazer.

As vozes viajavam para ele. Damon esperou, com o coração palpitando de antecipação. Não tinha nem idéia de que esperava ou inclusive o que desejava, mas todo ele estava imóvel.

A porta se abriu e duas mulheres emergiram para permanecer entre as sombras do amplo alpendre adornado com colunas.

- Obrigado, Sara. Muito obrigado. - Disse Irene, aferrando as mãos de Sara com agradecimento. - Sabia que viria -. Apressou-se escada abaixo, passando diretamente junto aos cães, que se tinham apressado a ir a sua proprietária. Irene esboçou um rápido sorriso para Damon ao passar junto a ele, sua cara sulcada pelas lágrimas brilhava esperançada.

Damon se apoiou em sua fortificação e elevou o olhar para Sara.

## 2

Sara permanecia em pé sobre o alpendre, com o corpo entre as sombras. Damon não tinha nem idéia de sua idade. Sua cara parecia atemporal. Seus olhos eram velhos, cheios de inteligência e poder. Sua pele lisa e imaculada, lhe dando uma aparência de extrema juventude, muito em conflito com o conhecimento que mostrava seu olhar direto. Ela simplesmente permaneceu em pé muito tranqüilamente; seus incríveis olhos fixos nele.

- Como atravessou a grade?

Não era o que tinha esperado. Damon se voltou para olhar atrás para a obra de arte de ferro forjado. A grade tinha dois metros de altura e uns intrincados trabalhos de artesanato. Tinha-a estudado em mais de uma ocasião, notando os símbolos e descrições de vários animais e estrelas e luas. Uma montagem de criaturas de puro poder mescladas com signos universais de terra, água, fogo, e vento. Antes quando tinha vindo a observar a casa e os terrenos á grade sempre tinha estado firmemente fechada.

- Estava aberta -. Replicou simplesmente.

A sobrancelha dela se arqueou e olhou dele para a grade e outra vez para ele. Havia interesse em seu olhar.

- E os cães? - Sua mão caiu sobre uma das enormes cabeças dos cães enquanto ausentemente lhe arranhava as orelhas.

- Jogaram-me um olhar e decidiram que eu era de confiança. - Respondeu ele.

Um leve cenho tocou o rosto dela, desapareceu em um instante.

- Fizeram isso? - Deve dar-se muito bem com os animais.

- Não me dou muito bem com nada -. Resmungou ele antes de poder deter-se . Estava tão surpreso e envergonhado pela admissão que não podia encontrar a forma de rir de si mesmo, assim permaneceu entre os dois.

Sara simplesmente lhe estudou o rosto durante um longo momento. Uma eternidade. Tinha um olhar direto que parecia ver além de seu corpo físico e penetrar diretamente até sua alma. Fez com que Damon se sentisse incômodo e envergonhado.

- Será melhor que entre e se sente um momento. - Disse ela -. Há um halo negro ao redor de sua aura. Posso afirmar que lhe dói, embora não possa ver ainda para que você veio. - Deu a volta e entrou na casa, claramente esperava que ele a seguisse. Ambos os cães o fizeram, apressando-se atrás dela, grudados a seus calcanhares.

Damon tinha agido de forma estranha desde que tinha ouvido essa primeira fofoca sussurrada. Permaneceu em pé, apoiado em sua fortificação, perguntando-se o quê o havia possuído. Tinha visto Sara. Era só uma mulher com uns olhos incríveis. Isso era tudo. Não podia caminhar sobre as águas ou mover montanhas. Não podia escalar escarpados impossíveis ou assassinar líderes de organizações terroristas. Era só uma mulher. E provavelmente louca como uma cabra. Sua aura era negra. Que diabo significava isso. Provavelmente tinha bonecas de vodu e frangos mortos em sua casa.

Olhou fixamente para a porta aberta. Ela não se voltou ou voltou à vista atrás para ver se a estava seguindo. A casa a tinha tragado. Misteriosa Sara. Damon levantou seus olhos para a crescente escuridão, para as primeiras estrelas e os farrapos de nuvens. Irritava-lhe, mas sabia que ia seguir a até o interior dessa casa. Justo igual a os seus malditos cães.

Damon se consolou com o fato de que estava extremamente interessado na conservação da madeira e a pintura. Tinha se interessado na casa dela muito antes que Sara voltasse para o povo. Não podia deixar perder uma genuína oportunidade de a estudar de perto, inclusive se isso significava suportar um pequeno bate-papo com uma louca desconhecida. Passou a mão pelo cabelo escuro e olhou para a soleira vazia. Resmungando maldições em voz baixa, coxeou atrás dela o melhor que podia com sua bengala e seu quadril e perna maltratada.

As escadas do alpendre eram tão sólidas como uma rocha. O terraço em si mesmo vasto e belo, rodeando a casa, um convite a sentar-se à sombra e desfrutar da vista do palpitante mar. Damon desejou atrasar-se ali e continuar sentindo a paz da casa de Sara, mas entrou. O ar parecia fresco e cheiroso, cheirava a alguma fragrância que recordava os bosques e flores. A entrada era ampla, lajeada com um desenho de mosaico, e se abria para uma enorme habitação.

Com uma sensação de temor reverencial, Damon baixou o olhar para o artesanato de sonho. Teve a sensação de estar caindo em outro mundo ao olhá-lo. O profundo azul do mar era realmente o oceano no céu. As estrelas exploraram e flamejaram voltando para a vida. A lua era uma brilhante bola de prata. Ficou transfigurado, desejando fincar-se de joelhos e examinar cada centímetro do chão.

- Eu gosto deste chão. É uma pena caminhar sobre ele -. Anunciou em voz alta.

- Alegro-me que goste. Eu acredito que é belo. - Disse ela-. Sua voz era suave veludo, mas foi levada através da casa de volta até ele. Minha avó e suas irmãs o fizeram juntas. Levou-lhes muito tempo terminá-lo. Conte-me o que vê quando olha esse céu de meia-noite.

Ele vacilou, mas o impulso de fita-lo era muito para resisti-lo. Examinou-o cuidadosamente.

- Há sombras escuras nas nuvens ao redor da lua. E depois das nuvens, um anel vermelho a rodeia. As estrelas se conectam e formam um estranho padrão. O corpo de um homem está flutuando no mar de nuvens e algo lhe destruiu o coração - Levantou o olhar para ela, com um desafio no rosto .

Sara simplesmente sorriu.

- Estava indo fazer chá, quer uma taça? - afastou-se dele entrando na cozinha.

Damon podia ouvir o som da água enquanto ela enchia o bule.

- Sim, obrigado, isso vai bem -. E o fazia, o que era uma loucura. Ele nunca bebia chá. Nem uma só taça. Estava perdendo a cabeça.

- As fotos da minha avó e suas irmãs estão à sua esquerda, se por acaso quiser ver.

Damon sempre tinha achado que ver as fotos de gente que não conhecia era completamente ridículo, mas não pôde resistir a estudar as fotografias das mulheres que se tinham arrumado para criar semelhante beleza em um chão. Vagou pela parede de retratos. Havia muitas fotografias de mulheres, algumas em preto e branco, outras em cor. Algumas das fotos eram obviamente muito velhas, mas podia ver facilmente a semelhança entre as mulheres. Damon limpou a garganta. Franziu o cenho quando notou um estranho padrão em cada grupo.

- Por que há sete mulheres em cada foto de família?

- Esse parece ser um estranho fenômeno em nossa família. - Respondeu Sara rapidamente -. Em cada geração, alguém tem sete filhas.

Alarmado, Damon se apoiou em sua bengala e estudou cada grupo de rostos.

- Uma das sete garotas sempre tem sete filhas. De propósito?

Sara riu e dobrou a esquina para unir-se a ele ante a parede de fotografias.

- Em cada geração.

Ele olhou dela para as fotos das sete irmãs de uma foto quase no centro da parede.

- Quem transmite a veia da loucura?

- Boa pergunta. A ninguém lhe ocorreu perguntá-lo antes. Minha irmã Elle é a sétima filha assim herda o manto de responsabilidade. Ou loucura, se o preferir -. Sarah apontou uma garota com uma cara juvenil, vívidos olhos verdes, e um rico manto de cabelo vermelho recolhido cuidadosamente em um rabo de cavalo.

- E onde está a pobre Elle agora mesmo? -. Perguntou Damon.

Sara inspirou, depois deixou que seu fôlego escapasse lentamente, suas largas pestanas baixaram. Em um momento sua face ficou em repouso, parecia tranqüila, radiante. Observá-la provocava algo curioso ao coração de Damon, uma curiosa sensação de derretimento que era completamente aterradora. Não podia afastar seu olhar fascinado dela. Estranhamente, por um momento, sentiu como se Sara já não estivesse na habitação com ele. Como se seu corpo físico se separasse de seu espírito, permitindo-a viajar através do tempo e do espaço. Damon se sacudiu, tentando desfazer-se da amalucada impressão. Ele não era uma pessoa imaginativa, mas estava certo de que Sara de algum modo havia contatado a sua irmã Elle.

- Elle está em uma caverna de pedras, profunda onde pode ouvir o batimento do coração da terra -. Sara abriu os olhos e olhou para ele. - Sou Sara Drake-.

- Damon Wilder -. Fez um gesto para sua casa. - Sou seu novo vizinho -. Estava olhando-a fixamente, bebendo dela. Não tinha sentido. Estava seguro de que ela não era a mulher mais bonita do mundo, mas seu coração e seus pulmões insistiam em que o era. Sara era de estatura média, com uma figura feminina. Vestia uns jeans azuis gastos e desbotados e uma camisa com quadros de flanela. Certamente não era nada charmosa, mas seus pulmões ardiam procurando ar e o coração lhe pulsava acelerado. Seu corpo se endurecia dolorosamente quando ela nem sequer estava tentando ser uma sereia sexy, simplesmente estava ali com suas roupas cômodas e seu espesso cabelo escuro jogado para trás deixando limpa sua face pálida. Era a coisa mais revoltante e humilhante que tinha tido o infortúnio de suportar.

- Comprou a velha casa Hanover. A vista é fantástica. Como é que encontrou nosso pequeno povoado? -. Seu atento olhar azul era direto e muito mais que avaliador. - Parece um homem que se sentiria muito mais cômodo em uma grande cidade -.

O punho do Damon se apertou sobre sua bengala. Sara pôde ver que seus nódulos estavam brancos.

- Vi-o em um mapa e simplesmente soube que este era o lugar no qual queria viver quando me retirasse.

Ela estudou sua face, as linhas de sofrimento gravadas nela, os olhos muito velhos. Estava rodeado pela marca da Morte, e tinha lido a Morte no céu de meia-noite, mas se sentia estranhamente atraída por ele.

Suas sobrancelhas se elevaram em um arco perfeito.

- Eu teria pensado que é um pouco jovem para estar retirado. Não há muita excitação por aqui.

- Terei que estar em desacordo com isso. Passeou pelo supermercado ultimamente? Inês proporciona um assombroso entretenimento. - Havia grande quantidade de sarcasmo misturado com desprezo em sua voz.

Sara se voltou afastando-se dele, com os ombros visivelmente rígidos.

- Já conhece o suficiente Inês para ter formado uma opinião dela no mês que leva vivendo aqui? -. Soava entre interessada e doce, mas ele tinha a sensação de acabar de pisá-la com força nos dedos dos pés.

Damon coxeou atrás dela como um cachorrinho mulherengo, tentando não resmungar maldições em voz baixa. Nunca lhe tinha importado o que a gente pensava. Todo mundo tinha opiniões e poucos em realidade as tinham expressado. Por que demônio lhe importava a opinião de Sara? E por que seus quadris tinham que balançar-se com tão hipnotizador convite?

A cozinha estava azulejada com o mesmo azul de meia-noite que tinha formado o céu do mosaico. Uma grande fila de janelas davam para o exterior sobre o jardim de flores e ervas. Podia ver uma fonte de três jorros no meio do pátio. Sara fez um gesto para a mesa enquanto preparava o chá. Damon não podia ver nenhuma bolinha de pó ou sujeira em nenhum lugar da casa.

- Quando chegou?

- Ontem à noite e já era tarde. É maravilhoso estar em casa de novo. Passaram-se um par de anos desde minha última visita. Meus pais estão na Europa neste momento. Têm várias casas e adoram a Itália. Minha avó está com eles, assim que a casa do escarpado esteve vazia.

- Esta é a casa de seus pais? - Quando ela sacudiu a cabeça com seu ligeiro e misterioso sorriso ele perguntou. - É a proprietária desta casa?

- Com minhas irmãs. Foi entregue através de nossa mãe -. Serviu uma fumegante taça de chá e a colocou sobre a mesa junto à mão dele -. Acredito que você gostará disto. É calmante e ajudará a amortecer a dor.

- Não disse que estava doendo. - Damon podia haver-se dado uma patada. Inclusive a os seus próprios ouvidos soava ridículo, um pirralho desafiante negando a verdade. - Obrigado -. Arrumou-as para resmungar, tentando cheirar o chá sem ofendê-la.

Sara se sentou frente a ele, embalando uma taça de chá entre as palmas de suas mãos.

- No que posso ajudá-lo, senhor Wilder?

- Chame-me Damon. - Disse ele -.

- Damon então -. Reconheceu-a com um pequeno sorriso. - Eu sou só Sara -.

Damon pôde sentir seu olhar penetrante.

- Estou muito interessado em sua casa, Sara. A pintura não perde cor ou se descasca, nem sequer a causa do salitre. Esperava que me dissesse que verniz utiliza.

Sara se recostou para trás em sua cadeira, levando a taça de chá até a boca. Tinha uma formosa boca. Ampla, cheia e curvada como se sorrisse todo o tempo. Ou convidasse a ser beijada. A idéia chegou inesperada enquanto olhava fixamente sua boca. Pura tentação. Damon sentiu o peso do olhar dela. A cor começou a estender-se até sua nuca.

- Já vejo. Saiu tarde na noite apesar de estar dolorido porque ansiava saber que classe de verniz utiliza em minha casa. Isso certamente tem perfeito sentido.

Não havia diversão em sua voz, nem sequer um indício de sarcasmo, mas o rubor se estendeu pela cara do Damon. Os olhos dela viam muito, viam em seu interior onde ele não queria ser visto, onde não podia confrontar ser visto. Desejou apartar a vista, mas não podia apartar seu olhar do dela.

- Me conte por que está realmente aqui -. Sua voz era suave, convidando à confiança.

Ele se passou ambas as mãos pelo cabelo com frustração.

- Honestamente não sei. Lamento ter invadido sua privacidade. - Mas não o lamentava. Era uma mentira e ambos sabiam.

Ela tomou outro gole de chá e gesticulou para a taça do Damon.

\_ Beba. É uma mistura especial que tenho feito eu mesma. Acredito que você gostará e sei que o fará sentir-se melhor -. Sorriu para ele. - Posso lhe prometer que não há nenhuma rã ou olho de tritão nela-.

O sorriso de Sarah lhe roubou o fôlego imediatamente. Era uma coisa estranha sentir um nó nas vísceras tão apertado que lhe tirava o ar dos pulmões só por causa de um simples sorriso. Esperou vários batimentos do coração até que se recuperou o suficiente para falar.

- Por que acha que preciso me sentir melhor? -. Perguntou, lutando por parecer indiferente.

- Não tenho que ser vidente para isso, Damon. Coxeia. Há linhas brancas ao redor de sua boca e lhe treme a perna.

Damon levou a taça à boca, tomando um cauteloso sorvo da beberagem. O sabor era único.

- Atacaram-me não faz muito. - As palavras surgiram antes de poder as deter. Horrorizado, olhou ao interior da taça de chá, temendo que a beberagem fosse um soro da verdade.

Sara colocou sua taça cuidadosamente sobre a mesa.

- Uma pessoa o atacou?

- Bom, não era um alienígena -. Tomou um gole de chá. O calor lhe esquentou, propagando-se através de seu corpo para alcançar lugares machucados e doloridos.

- Por que queria um homem matar outro? -. Murmurou Sara em voz alta.  
- Nunca o entendi. O dinheiro é uma razão bastante parva na realidade.

- A maioria da gente não pensa assim. Esfregou a cabeça como se doesse, ou possivelmente por causa de uma lembrança. - A gente mata por todo tipo de razões, Sara-

- Que terrível para você. Apanhou ele, espero.

Antes de poder deter-se si mesmo, Damon negou com a cabeça. O vívido olhar dela se posou sobre sua face, vindo de novo em seu interior até que quis amaldiçoar.

- Pude escapar, mas meu ajudante... - deteve-se, corrigindo-se a si mesmo -... Meu amigo não teve tanta sorte.

- Oh, Damon, sinto muito.

- Não quero pensar nisso -. Não podia. Eram lembranças muito recentes, muito cruas. Ainda em seus pesadelos, ainda em seu coração e sua alma. Podia ouvir os ecos dos gritos. Podia ver a súplica nos olhos de Dan Treadway. Levaria a imagem de sua morte, para sempre gravada no cérebro. No momento a dor foi muita para ser suportada. Chorou por dentro, seu peito ardia, a garganta lhe fechava por causa da culpa.

Sara se estendeu sobre a mesa para colocar a ponta dos dedos sobre a cabeça dele. O gesto pareceu natural, casual inclusive, e seu toque tão leve que apenas o sentiu. Embora Damon sentisse os resultados como estrelas fugazes lhe atravessando o cérebro. Diminutos impulsos elétricos que estalaram pulsando em suas têmporas e em sua nuca.

Agarrou as mãos de Sara, afastando-as dele. Estava tremendo e ela podia senti-lo.

- Não, não faça isso -. Soltou-a imediatamente.

- Sinto muito, deveria ter perguntado primeiro -. Disse Sara -. Só estava tentando te ajudar. Quer que vá para casa. Está realmente escuro aí fora e não seria seguro tentar baixar a colina sem a luz adequada.

- Assim devo tomar o assunto do verniz como um segredo de família. - Disse Damon, tentando aliviar a situação. Esvaziou a taça de chá e ficou em pé. - Sim, obrigado, não me importaria que déssemos uma volta -. Era duro para seu ego ter que aceitá-lo, mas não era um completo estúpido. Poderia haver-se comportado mais como um idiota.

A suave risada do Sara o sobressaltou.

- Em realidade não sei se o verniz é um segredo familiar ou não. Terei que fazer uma pequena investigação sobre o tema e logo te informarei.

Damon não pôde evitar sorrir simplesmente porque era ela. Havia algo contagiante na risada de Sara, algo aditivo em sua personalidade.

- Sabe que quando cheguei na casa, o vento realmente sussurrava, "Sara tornou, Sara está em casa". Eu mesmo o ouvi -. As palavras escaparam quase num grito.

Ela não riu dele como esperava. Pareceu satisfeita.

- Que coisa mais bonita para dizer a alguém. Obrigada, Damon -. Disse sinceramente - de verdade estava aberta a grade. A grade dianteira com todas essas talhas. Não a grade lateral.

- Sim, estava totalmente aberto me dando boas-vindas. Ao menos foi assim como o senti.

Os olhos azul-marinhos de Sara vagaram por sua face, tomando nota de cada detalhe, de cada linha. Ele sabia que não havia muito que olhar. Um homem nos quarenta, espancado e marcado pela vida. As cicatrizes não se mostravam fisicamente, mas eram profundas e ela poderia ver claramente a tortura do homem.

- Que interessante. Acredito que estamos destinados a ser amigos, Damon -. Sua voz o envolveu em seda e calor.

Damon podia ver por que a gente do povo pronunciava seu nome com temor. Com respeito. Misteriosa Sara. Parecia tão aberta, mas seus olhos ocultavam mil segredos. Havia música em sua voz e consolo em suas mãos.

- Alegra-me que tenha voltado para casa, Sara -. Disse ele, esperando não estar ficando ainda mais como um parvo.

- A mim também -. Respondeu ela.

3

- SARAH! - Hannah Drake se lançou aos braços de sua irmã -. Alegro-me tanto de vê-la. Joguei-te tanto de menos -, retirou-se, estendendo os braços em toda sua longitude, para examinar melhor a Sarah -. Sara, por que parece um ladrão disposto a roubar o museu local. Não tinha nem idéia de que as pinturas de Frank Warner se valorizaram tanto -, riu alegremente de sua própria brincadeira.

A suave risada de Sarah se fundiu com a da Hannah.

- Deveria ter sabido que entraria às escondidas às duas da madrugada. É tão próprio de você, Hannah. Onde estava desta vez?

- Egito. É um país absolutamente maravilhoso. - Hannah se sentou no balanço do alpendre cansadamente -. Mas estou esgotada. Estive viajando sempre para voltar para casa. - Avaliou a vestimenta completamente negra de Sara com um ligeiro franzido na testa -. Interessante jogo de ferramentas o que leva aí, minha irmã. Não vou ter lhe tirar sob fiança, claro. Estou realmente cansada e se a polícia chamar, poderia não despertar.

Sara ajustou o cinturão de pequenas ferramentas na cintura sem mostras de vergonha.

- Se não poder enfeitiçar um oficial de polícia para me liberar de uma pequena invasão de moradia, não mereço me chamar Drake. Entra Hannah, e vá para a cama. Estou preocupada com nosso vizinho e só vou dar uma volta e me assegurar de que não lhe aconteceu nada.

As sobancelhas de Hannah se arquearam.

- Meu Deus, Sara. Um homem? Há um homem como Deus manda em sua vida. Onde está? Quero ir com você -. Aplaudiu com a cara radiante -. Espere só para que o conte às outras. A danada da Sara tem namorado.

- Não tenho namorado... Não comece Hannah. Só tenho uma de minhas intuições e vou comprová-lo. Não tem nada que ver com Damon absolutamente.

- Oh, isto fica realmente interessante. Damon. Lembra até seu nome. Como o conheceu? Desembuche, Sarah. Até o último detalhe.

- Não há nada que contar. Só veio perguntar sobre a pintura e vernizes de madeira -. O tom do Sara foi frio e monótono.

- Quer que acredite que veio por sua própria conta sem ser convidado. Deve havê-lo convidado para sua casa.

- Não, não o fiz -. Negou Sara. - De fato o portão estava aberto e os cães o deixaram entrar-.

- A grade estava aberta? -. Hannah parecia incrédula. Saltou sobre seus pés. - Agora se que vou com você!-.

- Não, não virá, está exausta, lembra?

- Espere eu contar às outras que o portão se abriu para ele -. Hannah elevou os braços para os céus e as estrelas -. A grade se abre para o homem certo, não? Não é assim como funciona? A porta se abrirá em boas-vindas para o homem que está destinado a converter-se no amor de sua vida para a filha maior.

- Eu não acredito nessa tolice e sabe -. Sara tentou fingir-se zangada, mas se encontrou rindo. Não posso acreditar sequer que acredite nessa velha profecia.

- Como se eu mesma não acreditasse -, brincou Hannah -. Simplesmente vai fazer uma visita amistosa ao vizinho no meio da noite e dar uma volta por sua casa. Se você o disser, é obvio que acreditarei isso. Está esse telescópio das ameias dirigido para o quarto dele?

- Não se atreva a olhar -. Ordenou Sara.

Hannah estudou sua face.

- Você está rindo, mas seus olhos não. Algo vai mau, Sara? -. Posou a mão sobre o ombro de sua irmã, - me conte.

Sara franziu o cenho.

- Leva com ele a Morte. Vi-a. E a leu no mosaico. Não sei quem morrerá, mas me sinto atraída por ele. Seu coração está quebrado e machucado, e o peso de carregar a morte o está esmagando lentamente. Viu um halo vermelho ao redor da lua.

- Violência e morte o cercando. - Disse Hannah brandamente, quase para si mesma - por que vai sozinha?

- Tenho que fazê-lo. Sinto... - Sarah procurou a palavra correta. - Atração. É mais que um trabalho, Hannah. É ele.

- Ele poderia ser perigoso.

- Está rodeado de perigo, mas não é perigoso para mim, não como você pensa.

- Oh, diabos, realmente você gosta desse tipo. Creio que está muito bom. Vou contar às outras e subir às ameias para dar uma olhada! - Hannah se voltou e entrou correndo na casa, fechando de repente a porta de tecido metálico para que Sara não pudesse segui-la.

Sara riu enquanto soprava um beijo para sua irmã e começava a descer as escadas. Hannah parecia maravilhosa como sempre. Alta, bronzeada e formosa inclusive depois de viajar cruzando o mar. Seu cabelo ondulado estava despenteado, parecia na moda. Outras mulheres pagavam fortunas para tentar conseguir seu estilo natural de "alvorçado pelo vento". Sara sempre tinha orgulho da genuína elegância de Hannah. Tinha um espírito que brilhava como as estrelas

no alto. Hannah tinha um espírito livre que adorava os espaços abertos e as maravilhas do mundo. Falava vários idiomas e viajava muito. Um mês a poderia encontrar nas páginas de uma revista com o jet set, e no seguinte em um subúrbio do Cairo. Seu corpo alto e esbelto e seu rosto incrivelmente bonito a faziam a mais procurada por todas as revistas e os desenhistas de moda. Era sua personalidade amável o que sempre atraía as pessoas para ela. Sara se alegrava que ela estivesse em casa.

Sara deixou escapar um pequeno som enquanto passava pelo pequeno caminho que cortava sua propriedade até a de Damon Wilder. Conhecia cada centímetro de sua propriedade. E conhecia cada centímetro da dele. Seu cabelo estava firmemente trançado para evitar que se enredasse nos ramos baixos ou os matagais. Seus pés brandamente calçados eram ligeiros, lhe permitindo sentir seu caminho sobre ramos e folhas quedas. Não estava pensando nos ombros amplos do Damon ou seus escuros e atormentados olhos. E não acreditava no romance. Não para Sara. Isso era para a elegante Hannah ou a formosa Joley. Bom, possivelmente não para a Joley formosa e selvagem, mas definitivamente para a maior parte de suas outras irmãs. Mas não para Sara.

Damon Wilder estava com problemas em mais formas do que ele mesmo imaginava. Sara não gostava das complicações. Profecias ancestrais, ombros amplos e auras negras eram definitivamente complicações. A luz da lua se derramava sobre o mar enquanto passava ao longo dos escarpados, seguindo o estreito atalho que eventualmente acabaria na parte traseira da propriedade de Damon. As poderosas ondas chocavam enquanto se apressava, cediam e se transformavam em uma espuma branca. Sara achava o som do mar consolador, inclusive quando raivava com uma tormenta. Este era o lugar ao qual pertencia, ao qual sempre tinha pertencido como sua família antes que ela. Não temia o mar ou a selvageria do campo, embora seu coração estivesse palpitando com repentino alarme. Palpitando com absoluto conhecimento.

Não estava sozinha na noite. Instintivamente agachou o corpo para que sua silhueta não se recortasse contra o horizonte. Pôs mais cuidado, fundindo-se entre as sombras, utilizando a folhagem para cobrir-se. Moveu-se com sigilo. Estava acostumada aos segredos, era uma profissional altamente treinada. Não houve ruído de ramos deslizando contra sua roupa ajustada e seus pés com calçado de sola leve foram suaves sobre o chão.

Sara passou até as cercanias da casa. Sabia tudo sobre Damon Wilder. Era um dos homens mais inteligentes do planeta. Um tesouro nacional. O gênio que tinha idealizado o sistema de defesa mais inovador nunca concebido. Suas idéias eram puro gênio, muito adiantadas para seu tempo. Era um homem centrado e estável. Um perfeccionista que nunca passava por cima do mínimo detalhe.

Quando tinha lido a respeito dele, antes de aceitar seu trabalho de cão guardião, Sara tinha ficado impressionada pela pura tenacidade de seu caráter.

Agora que o tinha conhecido, lamentava-se pelo homem, pelo horror do que tinha passado. Nunca permitia que seu trabalho se convertesse em algo pessoal, mas não podia deixar de pensar em seus olhos e na tortura que podia ver em suas escuras profundezas. E não podia evitar perguntar-se por que a Morte se afeiçoou com ele e lhe aferrava com suas ávidas garras.

Sara raramente aceitava um trabalho semelhante, mas sabia que seu álibi não podia ter sido mais perfeito. Nem feito de propósito. Isso lhe provocou uma leve revoada de apreensão. Destino, "karma", era uma força a ser tomada em conta por sua família e ela as tinha arrumado para evitá-la cuidadosamente durante anos. Damon Wilder tinha escolhido seu povo natal para estabelecer-se. O que significava isso. Sara não acreditava em semelhantes coincidências.

Não tinha tempo para rodear a casa ou comprovar a estrada da costa. Enquanto se aproximava da lateral da casa que dava para sua própria casa, ouviu uma maldição amortecida que chegava da sua esquerda. Sara avançou centímetro a centímetro nessa direção, deixando-se cair sobre a barriga, jazendo entre as escuras sombras das árvores. Ergueu a cabeça cautelosamente, só seus olhos se moviam inquietamente, continuamente, examinando a paisagem. Levou uns momentos para localizar seus adversários. Pôde divisar dois homens a não mais de quarenta pés dela, costa abaixo, justo em meio dos mais densos arbustos. Sara teve a urgência de sorrir. Esperava por seu bem que não levassem suas coleiras contra pulgas.

Estendido entre os arbustos, começou um lento e intrincado padrão com as mãos, uma dança fluída de dedos enquanto as folhas estremeciam e os ramos começavam a mover-se como se tivessem vida própria.

Diminutas e silenciosas criaturas choveram dos ramos no alto, caindo das folhas, e punindo em pé em terra para migrar colina abaixo para os espessos arbustos.

Sara sabia que a janela iluminada na casa do Damon era um quarto. Se o telescópio colocado nas ameias de sua casa parecia estar apontando nessa direção, era só porque era a última habitação que tinha investigado. Só que esse era o quarto de Damon, uma absoluta coincidência. Sara voltou o olhar para sua própria casa passando por cima as ondas latentes; subitamente preocupada com o que Hannah pudesse estar vendo, com o olho à lente.

Cantou brandamente, melodiosamente, uma nota quase silenciosa que ordenou para o vento carregá-la e levá-la pelo céu por volta do mar, para a casa do escarpado. O roçar de tecido contra madeira e folhas atraíram sua imediata atenção. Observou a um dos homens arrastar-se apressadamente como um caranguejo baixando da colina para a casa de Damon. Agachou-se justo sob a janela iluminada, depois cautelosamente levantou a cabeça para olhar dentro.

A janela permanecia aberta uns poucos centímetros para permitir a entrada ao ar do oceano. A brisa soprava as cortinas de encaixe para dentro as fazendo executar uma estranha dança macabra. Com as cortinas ondeantes era quase impossível conseguir uma vista clara do interior.

O homem se endireitou pela metade, esmagando seu corpo contra a parede, estirou o pescoço para espiar lá dentro.

Sara podia divisar um segundo homem jazendo encostado, com um rifle voltado para a janela. Moveu-se pouco a pouco através da erva baixa, movendo-se com o vento enquanto este soprava sobre a terra. Sem sobressaltar-se nunca, a arma firme como uma rocha. Um intento, depois de tudo; tinha-o esperado, mas tinha a esperança de que fora de outra maneira. Podia ver os diminutos insetos passando até o interior das roupas do homem.

Sobre sua cabeça as nuvens se formavam redemoinhos afastando-se da lua, ameaçando expô-la completamente. Arrastou-se abrindo passo através da erva e matagais, ganhando uns poucos metros a mais. Sara tirou a arma da capanga de seu ombro.

Ouvindo um ligeiro ruído no interior da habitação, o assaltante da janela elevou a mão em advertência. Espiou através da janela e tentou localizar Damon. Um golpe seco soou forte quando a bengala de Damon aterrissou solidamente sobre sua mandíbula. Em um momento o homem gritou, o lamento agudo reverberou através da noite. Caiu para trás sobre a erva, agarrando a cara, rodando e se contorcendo de dor.

Sara manteve o olhar fixo em seu companheiro do rifle, que esperava que Damon se expusesse na janela. Damon era muito preparado para fazer algo tão estúpido. As cortinas continuavam sua macabra dança e nada mais se movia na noite. Os gemidos continuavam sob a janela, mas o assaltante não ficava em pé.

O homem do rifle se arrastou para frente, deslizando sobre a erva úmida de forma que quando rodava, protegia seu rifle. Esse era o deslize que Sara estava esperando. Esteva sobre ele imediatamente, pressionando-lhe a arma contra a nuca.

- Sugiro-lhe que fique muito quieto. - Disse ela brandamente -. Está entrando em uma propriedade privada e por aqui nós não gostamos dessa espécie de coisas -. Enquanto falava, mantinha um olho precavido sobre o homem da janela. Levantou a voz -. Damon chamou o xerife. Tem um par de visitantes noturnos aqui fora que podem necessitar de um lugar onde alojarem-se uns dias e ouvi que o cárcere está vazio esta noite.

- É você, Sara?

- Estava dando um pequeno passeio e vi um rifle de larga distância atirado por aí no chão-. Chutou o rifle tirando-o das mãos do homem capturado -. É uma

autêntica preciosidade; simplesmente não podia deixar passar a oportunidade de lhe dar uma boa olhada -, havia um tom de risada em sua voz, mas o cano de sua arma permaneceu muito firmemente pressionado contra o pescoço de seu cativo -. Deveria ficar justo aí, Damon. Há dois homens aqui fora e parecem um pouco ofendidos -, inclinou-se se aproximando do homem que estava no chão, mas manteve os olhos em seu companheiro da janela -. Poderia querer comprová-lo você mesmo assim que estiverem na prisão. Provavelmente está infestado de carrapatos. Asquerosos bichos enterram-se no seu sangue, e lhe passam todo tipo de coisas interessantes, começando com a enfermidade do Lyme. Esse arbusto no qual estava escondido está cheio deles.

Seu coração ainda palpitava fora de ritmo em advertência. Então soube; Sara se precipitou para a direita rodando para afastar-se, inclusive enquanto ouvia o zumbido de balas passando a seu lado e golpeando a terra. É obvio que tinha que haver um terceiro homem, um condutor esperando na escuridão acima na estrada. Tinha sido incapaz de explorar o terreno apropriadamente. Tinha perfeito sentido que tivessem um condutor, um reforço se por acaso fazia falta.

O homem próximo a ela se levantou e lançou-se em cima dela, lutando por lhe arrebatara a arma. Sara arrumou-se para dobrar uma perna contra seu estômago e lhe lançou sobre sua cabeça. Sentiu uma pontada no lóbulo da orelha quando seu brinco, enredado na camisa do homem, foi arrancado. Ele amaldiçoou viciosamente enquanto se levantava e corria afastando-se dela para a estrada. O que estava perto da casa já estava em movimento, cambaleando colina acima, ainda segurando a mandíbula com as mãos. O condutor o cobria, mantendo-a a distância com uma rajada de balas. O silenciador indicava que os homens não ardiam em desejo de anunciar sua presença às pessoas do povo.

- Sara. Está bem? -. Chamou Damon ansiosamente. Inclusive com o silenciador, não pôde deixar de ouvir o revelador gemido das balas.

- Sim -. Estava zangada consigo mesma. Podia ouvir o motor do carro voltando para a vida, as rodas derrapando na terra durante um momento antes de agarrar o veículo que se afastava pela estrada da costa -. Sinto muito, Damon, deixei-os escapar.

- Sei... Podiam tê-la matado, Sara. E não, não chamei o xerife. Tinha a esperança de que fossem os meninos da vizinhança fazendo travessuras.

- E eu que o tomava por um homem tão brilhante -. Brincou, enquanto se levantava e tirava as raminhas do cabelo. Tocou a orelha ferida, ficando com sangue nos dedos. Além disso, eram seus brincos favoritos.

As cortinas sussurraram e Damon tirou a cabeça pela janela.

- Vamos continuar trocando gritos ou vai entrar aqui para falar comigo? - Havia mais demanda que pergunta em sua voz.

Sara riu brandamente.

- Você acha que é uma boa idéia? Pode imaginar o que diria Inês se soubesse que te visito no meio da noite? -, estendeu-se para tomar o rifle, cuidando

de recolhê-lo utilizando um lenço -. Perguntariam quais são suas intenções. Teria que negar que tivesse alguma. Estender-se-ia o rumor de que você me arruinou e teriam pena de mim. Você não ia aguentar. Será melhor que simplesmente volte para casa tranqüilamente.

Damon se inclinou ainda mais fora da janela.

- Diabos, Sara, não estou brincando. Poderiam tê-la matado. Entenda isso. Esses homens são perigosos e você está dando um pequeno passeio à luz da lua e bancando a polícia do bairro -. Sua voz foi mais dura do que pretendia, mas tinha-se assustado com a morte, passou uma mão sobre o rosto, sentindo-se doente ante a idéia de que ela estivesse em perigo.

- Não estava em perigo, Damon -. Reconfortou-lhe Sara -. Este rifle, se por acaso te interessa, está carregado com tranqüilizantes, não com balas. Ao menos não estavam tentando te matar, queriam-no vivo.

Ele suspirou. Estava ali sentada no chão, com a chapeada luz da lua derramando-se sobre ela. O rifle estava estendido sobre seus joelhos e ela lhe sorria. O sorriso do Sara era suficiente para parar o coração de um homem. Damon deu um bom olhar às roupas dela, à arma que ainda tinha na mão. Ficou rígido, amaldiçoou brandamente.

- Maldita seja, Drake. Deveria ter sabido que era muito bom para ser certo.

- Acredita em todas as histórias sobre mim, depois de tudo, Damon? - Perguntou ela. Mas o temor começava a invadi-la apesar de que não deveria lhe haver importado o que pensasse dela. Ou o que sabia dela. Tinha um trabalho. Não deveria importar, mas sentia o peso em seu peito, como uma pedra. Sentiu um repentino terror arranhando em seu estômago ante a perda de algo especial antes sequer de que tivesse começado.

- Quem te enviou Sara? E não minta. Para quem trabalha?

- Seriamente pensou que foram deixar que te largasse sem nenhum tipo de amparo depois do ocorrido, Damon? - Sara manteve a simpatia em sua voz, sabendo que isso só o enfureceria mais ainda.

Ele amaldiçoou amargamente.

- Disse-lhes que não ia ser responsável por outra morte. Saia de minha propriedade Sara e não volte. - Algo profundo em seu interior se sentia inesperadamente ferido. Só acabava de conhecê-la. A esperança não se havia sequer desenvolvido completamente, só em seu coração, não em sua mente, mas ainda assim o sentia. Era uma traição de sua Sara, a misteriosa Sara, que com seu formoso sorriso e seus olhos mentirosos, tinha-lhe destruído antes sequer de haver tentado encontrar-se a si mesmo.

- Posso lhe assegurar senhor Wilder, que apesar do fato de ser uma mulher, sou muito capaz de fazer meu trabalho -. Deliberadamente tentou voltar a enfocar a discussão, introduzindo uma nota ultrajada em seu tom.

- Não me importa quão boa seja em seu maldito trabalho ou em qualquer outra coisa. Saia de minha propriedade antes que chame o xerife e tenha que te prender por invadir uma propriedade privada. - Damon fechou de repente a janela

com terrível rudeza. A luz se apagou como se de algum modo isso cortasse toda comunicação entre eles.

Sara se sentou no chão e olhou fixamente para a janela obscurecida com o coração pesaroso. O mar se ondulava e estalava com incessante firmeza. O vento lhe agitava os cabelos e as nuvens formaram redemoinhos sobre sua cabeça. Dobrou os joelhos e pensou no fato de que essas velhas profecias nunca deveriam passar de geração em geração. Assim, uma pessoa nunca teria chance de desiludir-se.

4

Sara não se incomodou em bater cortesmente a porta fechada. Damon Wilder estava ferido e zangado e em realidade não o culpava. Ela estava quase tão confusa como ele. Maldição ou velha profecia insistia em colocar as suas vidas juntas. Se tivessem sido duas pessoas que se conhecessem casualmente tudo teria ido bem. Mas não, o portão tinha tido que abrir-se em boas-vindas. Não era culpa de nenhum dos dois, mas como ia explicar uma predição de duzentos anos de antiguidade? Como ia contar-lhe que sua família provinha de uma comprida linhagem de mulheres poderosas que extraíam seu poder do universo ao seu redor e essas profecias de várias centenas de anos sempre se faziam realidade?

Sara fez a única coisa que qualquer mulher que respeitasse a si mesma teria feito no meio da noite. Tirou seu pequeno jogo de ferramentas e forçou a porta dianteira que estava fechada. Tomou nota mental de instalar um sistema de segurança decente na casa e lhe exortar para que comprasse ao menos um bom ferrolho no processo.

Quando era menina tinha brincado com freqüência em essa casa e conhecia a distribuição quase tão bem como conhecia a sua própria. Moveu-se velozmente através do salão. Viu muito pouco mobiliário embora Damon tenha se mudado há mais de um mês antes. Nenhum quadro na parede, nada que indicasse que isto era um lar, não só um lugar temporário no qual viver.

Damon estava estendido em sua cama olhando para o teto. Tinha começado a repensar, mas havia muito medo para suportá-lo. Sara quase se colocou em meio de uma emboscada. Não importava que tivesse sido enviada para ser seu cão guardião, poderiam tê-la matado. Não suportava pensar nisso. Sara. Rodeada de mistério. Como podia haver-se enrabichado com uma mulher tão estranha? Fechava os olhos e podia vê-la. Havia uma suavidade a seu redor, uma feminilidade que atraía em todos os níveis. Provavelmente ela riria se soubesse que tinha sido tão pouco razoável e totalmente amalucado para desejar protegê-la.

Damon deixou escapar outro calado juramento, sem estar seguro se poderia obrigar-se a si mesmo a levantar-se e partir de novo. Aonde poderia ir? Este era o limite da terra e ainda assim de algum modo o tinham encontrado depois de todos esses meses. Ninguém estaria a salvo a seu redor.

- Sempre se deita em sua cama no meio da escuridão e amaldiçoa o teto? - Perguntou Sara tranqüilamente -. Porque isto poderia converter-se em um autêntico problema em nossa relação.

Damon abriu os olhos e a olhou fixamente. Sara. Real. Dentro do seu dormitório é vestida com um traje negro muito ajustado que pegava cada curva. Sua boca secou e cada célula de seu corpo voltou para a vida em reação.

- Só me ocorre quando me traíram. Não sei, na verdade é um ato reflexo, não pareço capaz de detê-lo.

Sara olhou ao redor procurando uma cadeira, não pôde encontrá-la, assim empurrou as pernas dele para sentar-se sobre a cama.

- A traição pode ser dolorosa. Para ser completamente honesta não a experimentei. Minhas irmãs me guardam as costas, por assim dizê-lo. - Voltou a força de seus enormes olhos azuis sobre ele. - Você acredita que ter amigos que insistem em sua proteção, é uma traição?

Ele podia ouvir a sinceridade na voz dela.

- Não entende -. Como podia entendê-lo. Como podia entendê-lo alguém? - Não tinham direito de te contratar, Sara. Deixei meu trabalho, retirei-me, se o quiser rápido e conciso. Não tenho nenhuma intenção de voltar de novo. Cortei todos os laços com esse trabalho e cada ramo do setor militar e privado.

- Tentou manter a todos os que lhe rodeiam a salvo, partindo -. Foi a declaração de um fato. Ele pensaria que estava louca se lhe contasse que levava com ele a Morte. - O que houve, Damon?

- Não te deram um arquivo de três polegadas de grossura para ler sobre mim antes de te enviar aqui? -. Exigiu ele, tentando reter sua cólera com ela.

Sara simplesmente esperou, permitindo que o silêncio se prolongasse e se estirasse entre eles. Algumas vezes o silêncio era mais eloqüente que as palavras. Damon estava tenso, seu corpo rígido perto do dela. Os dedos dele estavam fechados redor da cabeceira. Sara posou sua mão gentilmente sobre a dele.

Poderia ter resistido a outra coisa, mas não a esse gesto silencioso de camaradagem.

Retorceu a mão lhe dando a volta até que seus dedos se entrelaçaram com os dela.

- Agarraram-nos a cinco quadras do trabalho. Dan Treadway estava comigo. Planejávamos jantar e voltar para o trabalho. Ambos queríamos ver se podíamos trabalhar um pouco em um problema menor que tínhamos tido com o projeto. - Escolheu suas palavras cuidadosamente. - Ele já não trabalhava para o governo, mas seu trabalho tinha sido classificado. Golpearam-nos a ambos e nos deixaram quase inconscientes antes de nos atirar em um porta-malas. Nem sequer fingiram querer nosso dinheiro. Levaram-nos a um armazém, uma velha fábrica de pintura, e exigiram informação sobre um projeto que simplesmente não podíamos lhes dar por segurança.

Sara sentiu que a mão dele tremia entre as suas. Tinha lido o relatório do hospital. Ambos os homens tinham sido torturados. Sabia que Damon levava as cicatrizes de numerosas queimaduras no torso.

- Não pude lhes dar o que queriam e o pobre Dan não tinha nem idéia do que estavam falando. - pressionou os dedos sobre os olhos como se a pressão pudesse deter a dor. Deter a lembrança que nunca o abandonava -. Ele nunca tinha trabalhado no projeto sobre o qual queriam informação.

Sara sabia que Dan Treadway tinha sido machucado no joelho e depois de novo na cabeça, morrendo. Damon se tinha negado a dar informação que poderia ter provocado as mortes de vários agentes de campo. E teimosamente se negou a dar informação sobre o último sistema de defesa. Damon tinha provocado um fogo com solventes de pintura, quase fazendo voar o edifício. Em seu intento de escapar foi esmagado entre a parede do armazém e o ralo de um carro, danificando gravemente seu quadril e perna.

- Não quero amigos, Sara. Ninguém pode arriscar-se a ser meu amigo.

Sara sabia que ele dizia a verdade. A Morte se lhe aferrava e procurava vítimas. Não o diria, mas com freqüência a Morte ficava defraudada. Nesses casos, exigia um sacrifício antes de apaziguar-se.

- A companhia sabe quem é essa gente? - Inquiriu Sara.

O negro olhar dele era tormentoso.

- Você saberia melhor que eu se assim fosse. Inimigos de nosso país. Mercenários. Demônios, que importa... Querem algo que meu cérebro concebeu o suficiente para matar um homem inocente por isso. Não quero que me ocorra nada mais pelo que valha a pena voltar a matar. Assim aqui estou.

- Falou com alguém, um médico?

Ele riu.

- É obvio que sim. A companhia se assegurou de que falasse com um, especialmente depois que anunciei minha saída. Havia uns poucos cabos soltos e não queriam me deixar partir. Não me importou muito que eles quisessem. - Virou à cabeça. Alterado. Pensativo -. É parte de seu trabalho tentar conseguir que volte?

Sara sacudiu a cabeça.

- Eu não digo as pessoas o que fazer Damon. Não acredito nisso. - Sua boca se curvou -. Bom, - sopesou a afirmação -. Suponho que isso não é certo. Com exceção de minhas irmãs. Elas esperam que eu vá por aí lhes dando ordens, entretanto, já que sou a maior e sou muito boa dando ordens.

- Queria voltar aqui, Sara? - O som do mar era consolador. Soava a lar.

- Mais que tudo. Senti-me atraída pelo oceano há muito tempo. Sempre soube que voltaria para casa e me estabeleceria aqui. Só que não sabia quando ia fazer. Damon, sua casa não tem segurança de nenhum tipo. Te ocorreu que poderiam entrar alegremente e te seqüestrar de novo?

Damon tentou não ler muito a nota preocupada em sua voz. Tentou não acreditar que era uma questão pessoal.

-Passaram meses. Pensei que me deixariam em paz.

Sara riu brandamente.

- Inclusive mentiu com essa cara séria e esses olhos angélicos. Estou tomando notas. Vou guardar junto com a mania de amaldiçoar o teto. Desejava que viessem por você, verdade? - Foi uma hipótese sagaz. Não o conhecia o suficiente para julgar ainda seu caráter, mas tinha lido os arquivos da consciência e cada palavra retratava um homem implacável, tenaz, centrado sempre em suas metas.

- Não o quereria você?-. Obrigaram-me a escolher entre informação que é vital para nossa nação e a vida de meu amigo. Ele me olhava quando lhe dispararam, Sara. Nunca esquecerei a forma que me olhava - esfregou as têmporas latentes. A visão rondava seus sonhos e lhe tirava de um sono profundo para ficar sentado, com o coração palpitando, e gritando uma negativa.

- Que tipo de plano tem em mente?

Damon sentiu que o estômago lhe dava um nó. O tom dela era muito interessado. Esperava que tivesse um plano. Ele tinha reputação de ser um cérebro. Deveria ter um plano. Seu plano tinha sido atrair seus inimigos até ele e despachá-los, primeiro com sua fortificação e depois chamar o xerife. Duvidava que ela se sentisse impressionada.

Ela suspirou.

- Damon, me diga que tinha um plano.

- Só porque possa caminhar sobre a água isso não significa que todos outros possam -. Resmungou ele.

- Quem disse que eu caminhava sobre a água? -. Exigiu Sara, molesta -. Por todos os céus, só fiz uma vez e estava alardeando nada mais. Todas minhas irmãs podem fazê-lo também.

Ele olhou boquiaberto, com os olhos abertos de surpresa. Ela manteve a cara séria, mas a risada em seus olhos a delatou. Damon fez algo nobre e tentou atirá-la fora da cama. Sara aterrissou no chão, sua suave risada o convidava a unir-se a ela.

- Merece isso - Disse ela - Sericamente. Caminhar sobre a água. Isso é novo. Onde ouviu? E ainda acreditou...

Damon se virou de lado, apoiando-se em um cotovelo para baixar o olhar para ela.

- Eu mesmo comecei o rumor na loja de Inês. Por um minuto pensei que era psíquico.

- Oh, muito obrigado; agora todos os meninos me pedirão que lhes faça uma demonstração. A próxima vez que me visitar o jogarei aos cães.

- O que te faz pensar que vou voltar a te visitar? -. Perguntou ele curiosamente.

- Nunca cheguei a te falar do verniz. É um homem persistente -. Apoiou a cabeça contra a cama -. Tem família em alguma parte, Damon?

- Fui filho único. Meus pais morreram faz anos, primeiro meu pai, depois minha mãe seis meses depois. Estavam loucos o um pelo outro.

- Que estranho seria isso, crescer sozinho. Eu tive sempre as minhas irmãs e não posso imaginar minha vida sem elas.

Os dedos do Damon se arrastaram por própria vontade para encontrar a espessa massa de cabelo dela. Levava-o em uma trança apertada, mas as arrumou para esfregar os sedosos fios entre o polegar e o indicador. Como demônios mantinha seu cabelo tão macio? Misteriosa Sara. Estava começando a pensar nela como sua Sara.

- Você gosta de todas elas?

Sara sorriu ali na escuridão. Adorava as suas irmãs. Não havia dúvida disso, mas ninguém tinha pensado nunca em lhe perguntar se gostava.

- Muito, Damon. Você também gostará. Cada uma delas é única e dotada a seu próprio modo. Todas têm um grande senso de humor. Rimos muito em nossa casa. - Ele estava mexendo no seu cabelo. Não doía, em realidade era uma sensação prazerosa, mas provocava a revoada de pequenas asas de mariposa no fundo de seu estômago -. O que está fazendo?

- O meu relógio enroscou em sua trança e pensei simplesmente em soltá-lo. - Respondeu ele casualmente. Estava mentindo e nem sequer lhe importava que fosse uma mentira e que ela soubesse que era uma mentira. Qualquer desculpa para ver seu cabelo solto como uma nuvem ao redor de seu rosto.

Sara riu brandamente.

- Minha trança? Ou seu relógio? - Ele estava definitivamente lhe soltando o cabelo de seu apertado confinamento -. Levou-me vinte minutos para arrumar assim o cabelo. Nunca fui boa em arrumar o cabelo.

- Vinte minutos esbanjados. Tem um cabelo lindo. Não há necessidade de ser boa arrumando isso.

Sara ficou absurdamente agradada por que ele tivesse notado. O cabelo era sua única chamada à glória.

- Obrigada -, bateu o joelho com os dedos, tentando encontrar uma forma de conseguir que ele estivesse de acordo com ela quanto a sua proteção-. Damon é importante proteger sua casa. Podia instalar para você um bom sistema de segurança. Deixarei que o xerife saiba que temos um problema e nos ajudarão.

- Nos. Sara você precisa estar tão longe de como for possível -. Inclusive enquanto o dizia, suas mãos se enterravam entre a riqueza do cabelo dela, uma compulsão desesperada que não podia impedir. Queria sentir essa sedosa suavidade deslizando sobre sua pele.

- Pensava que fosse brilhante, Damon. Não li em seu arquivo que foi um dos homens mais inteligentes sobre a face da terra. Junto com o assunto das maldições e do cabelo, por favor, me diga que não tem também estúpidas tendências de macho. Se esse for o caso, vou ter que estudar seriamente essa profecia do portão. Posso conviver com as outras coisas, mas a estupidez poderia superar minha paciência.

Atirou-lhe do cabelo para assegurar-se de que lhe estava prestando atenção.

- Um dos homens mais inteligentes. É isso o que diz esse relatório. Deveria ler o arquivo que lhe aconteceram e acabar com as mentiras flagrantes. Estou seguro de ser o mais inteligente, não um dos mais inteligentes. Não tem que me insultar fingindo que o relatório diz outra coisa. E o que isso da profecia da grade.

Ela passou por cima da pergunta.

- Já te falarei da história dos Drake em outro momento, mas agora mesmo, acredito que poderia esclarecer esse assunto do macho estúpido para mim -. Insistiu ela. - Os homens com cérebro tendem a ser arrogantes, mas não deveriam ser estúpidos. Sou uma perita em segurança, Damon-.

Ele suspirou ruidosamente.

- Assim supõe-se que tenho que dizer a meus amigos que minha dama é o músculo em nossa relação.

- Temos uma relação? - Inclinou a cabeça para voltar o olhar para ele. - E certamente o homem mais inteligente sobre a face da terra teria um ego o suficientemente forte como para que lhe parecesse bem que sua dama fosse o músculo. Com ou sem relação.

- Oh, se não houver relação, duvido que algum homem pudesse suportar um golpe tão grande a seu ego, Sara. Precisamos ir a um perito no tema, consultar a um conselheiro antes de tomar uma decisão. E nunca faz mal procurar uma segunda opinião se nós não gostarmos da primeira.

Damon não pôde evitar o sorriso que se estendeu por seu rosto. Ela tinha arrojado sua vida a uma confusão total, mas o fazia sorrir. O fazia desejar rir. Intrigava-lhe. Virava-o do avesso. Dava-lhe uma razão para viver. E o peso que parecia estar esmagando seus ombros e peito se aliviou só durante uns poucos momentos.

- Não terá que preocupar-se por isso, Damon. Teremos seis fortíssimas e extensas segundas opiniões. Minhas irmãs terão muito a dizer sobre o tema. Para o caso, de qualquer tema. Não necessitará um conselheiro para nada; estarão encantadas de agradá-lo, absolutamente grátis.

Sara olhou para a casa do escarpado através da janela do dormitório que deveria ter tido as cortinas fechadas. As cortinas estavam separadas no meio, jogadas a um lado por uma mão invisível.

- Sara. - Havia uma dor na voz do Damon.

Seu coração deu um curioso e pequeno salto no peito e voltou à cabeça para olhar. Seu olhar colidiu com o dele. Havia fome em seus olhos. Crua necessidade. O desejo. Estendeu-se para ela, agarrando-a na nuca, e lentamente baixou sua cabeça até a dela. Apressou-se a tomar sua boca. Simplesmente se fundiram. Derreteram-se.

Podiam ter estalado foguetes no ar a seu redor. Ou possivelmente fossem as estrelas pulverizadas pelo céu, brilhando como gemas. O fogo correu por sua pele, um calor se estendeu através de seu corpo. Ele a reclamou. Marcou-a. E fez um trabalho consciencioso. Alimentaram-se um do outro. Perdidos em um desejo fumegante. A boca dele era perfeita; ardente; faminta; exigente e possessiva.

Ninguém a tinha beijado assim. Nunca tinha pensado que pudesse ser assim. Queria ficar ali mesmo toda a noite e beijar.

Damon trocou seu peso sobre a cama, aprofundando o beijo. Estirou-se sobre o bordo, deixando cair ao chão, atirando dela para que ficasse tendida sobre ele. Instantaneamente seus braços a rodearam e sustentaram contra seu peito.

Sara podia sentir a risada que começava profundamente dentro dele, onde começava dentro dela. Estavam estendidos em um matagal de braços e pernas, rindo felizmente. Ela levantou a cabeça para lhe olhar, para riscar a maravilhosa boca com a ponta dos dedos.

- Pura magia, Damon. Isso é o que é. Isto é o que ocorre cada vez que beija a uma mulher?

- Eu não beijo mulheres -. Admitiu-o. Seus dedos penteavam a riqueza do cabelo dela, seu espesso e sedoso cabelo no que queria enterrar a cara.

- Bom homens então. Ocorre todo o tempo? Porque francamente é bastante assombroso. É realmente assombroso.

A risada fluiu uma vez mais. Damon a ajudou a sentar-se, com as costas contra a cama. Ele se sentou perto dela. Ambos olharam pela janela para a casa do escarpado.

- Poderia ter jurado que fechei essas cortinas. - O comentou.

- Provavelmente o fez. - Admitiu Sara com um pequeno suspiro -. São minhas irmãs. Provavelmente nos estão observando neste mesmo momento. Hannah chegou a casa justo antes que eu saísse e Kate e Abigail chegaram mais ou menos no momento em que o condutor me estava disparando. Pode as saudar se gostar.

- Como nos estão observando? -. Perguntou Damon interessado.

- O telescópio. Eu o utilizo para estudar o céu. - Utilizou sua voz mais piedosa -. E algumas vezes o oceano, mas meu elenco de irmãs estão notória e patéticamente interessadas em meus assuntos. Terei que lhes ensinar algumas maneiras -. Ondeou a mão casualmente, murmurando alugo que ele não pôde captar, mas soava ligeiro, etéreo e melodioso.

As cortinas arquearam gentilmente, bloqueando a visão da lua, uma débil luz refletida pelo mar palpitante As sombras entraram na habitação. Moveram-se.. Damon piscou; nessa fração de segundo as cortinas se fecharam firmemente sobre a janela.

5

- Estava beijando a esse homem -. Acusou alegremente Hannah -. Sara Drake, será... Estava beijando a um perfeito desconhecido.

Sara aparentou tanta frieza como era possível sob o fogo.

- Não sei que acreditaste ter visto com o olho pego à lente do telescópio, mas certamente isso não. Deveria te envergonhar de você mesma espiando desse modo.

E utilizando... - as palavras se desvaneceram para converter-se em um movimento no ar de seus dedos, olhando a suas três irmãs enquanto o fazia -. Abrir as cortinas de um dormitório privado está absolutamente fora dos limites, os quais todas acordamos quando estabelecemos as regras.

- Há exceções às regras -. Assinalou Kate timidamente. Estava encolhida em uma cadeira de madeira de respaldo reto ante a mesa, com os joelhos recolhidos, e um amplo e cativante sorriso em sua cara enquanto se pintava as unhas dos pés.

- Que exceções? -. Exigiu Sara, com as mãos nos quadris.

Kate se encolheu de ombros e se soprou as unhas antes de responder.

- Quando nossa irmã fica pendurada com um homem que tem uma aura preta a seu redor -. Levantou a cabeça para olhar a Sara, seu olhar era sério -. Isso é muito perigoso e sabe. Não pode jogar com a Morte. Nem sequer você, Sara.

Sara se voltou para olhar a Hannah. Não queria falar disso, ou sequer nomear a Morte por temor a que se lhe dava substância incrementaria seu poder, assim permaneceu em silêncio. Hannah sacudiu a cabeça.

- Não fui eu a que se foi da língua. Deixou as folhas de chá na taça e estavam ali para qualquer um ler.

- Mesmo assim não tinham direito a ir contra as regras sem uma votação. - Sara estava medianamente segura de que perderia a discussão, mas não ia render se sem lutar. Tinham razão com respeito à Morte. Solo a idéia de enfrentar-se a fazia estremecer por dentro. Se não se sentisse tão atraída pelo Damon, teria retrocedido e permitido que a natureza seguisse seu curso. Por alguma inexplicável razão, não podia suportar a idéia de que Damon sofresse.

Kate sorriu burlonamente.

- Não se preocupe, asseguramo-nos de convocar uma reunião apressada para votar sobre se era ou não uma situação que requeria o uso de poder. Ficou acordado por maioria absoluta que estava absolutamente garantido.

- Consertaram uma reunião? -. Sara as olhou a todas com justa indignação. - Sem mim?. Sem as outras?. Vocês três não fazem maioria. Oh, agora se que lhes colocastes em problemas! -. Disse triunfante.

Hannah lhe soprou um beijo, docemente razoável.

- É obvio que não fizemos isso, Sara. Contatamos com as outras para que o ato fora perfeitamente legítimo. Contamo-lhes o da grade e como se abriu por si mesmo para ele. E como os cães lhe saudaram. Ellen envia abraços e beijos e diz que te sente falta. Joley queria vir diretamente a casa e somar-se à diversão mas está atada -. Franziu o cenho. - Espero que não literalmente, não me ocorreu lhe perguntar e com o Joley nunca se sabe. E Libby está trabalhando na Guatemala ou algum outro lugar que tem descoberto que não tem banho e provavelmente se sanguessugas, curando meninos doentes como sempre.

- Pensava que estava na África investigando esse arbusto que às pessoas tentam recolher nos cultivos. - Disse Kate. - Enviou-me algo de material de investigação para meu próximo livro.

- Onde quer que esteja Libby esteve totalmente de acordo em que precisávamos nos assegurar de que Sara estava a salvo -. Hannah parecia inocente.  
- Isso era tudo o que estávamos fazendo, Sara. Todas acordamos que por sua segurança precisávamos ver o interior desse dormitório imediatamente-.

Kate e Abbey estalaram de novo em risadas.

- Eu me preocupei um pouco quando ele conseguiu tão exuberantemente cair ao chão. - Disse Abbey -. Mas estava claro que não era uma situação de vida ou morte assim que lhe deixamos com isso.

- E garota, bem que te aplicou -. Acrescentou Kate. - Sericamente, Sara um pouco menos de entusiasmo por sua parte poderia ter conduzido a nos dar alguma informação útil para nossa teoria sobre os homens e suas seduções -. As três irmãs intercambiaram assentimentos como se a investigação fora de soma importância.

Lutando por não rir, Sara golpeava o chão com o pé e com as mãos nos quadris, olhava a suas caras impenitentes.

- Sabiam que não estava em perigo não, entremetidas Thomasinas. Envergonhe-lhes todas. Sabiam que ontem à noite estava trabalhando.

Isso conduziu a outra ronda de risadas que quase fez que Kate caísse da cadeira.

- Uma garota trabalhadora.

- É assim como o chama. Certamente estava trabalhando em algo, Sara -. Esteve de acordo Hannah.

- É uma trabalhadora rápida -. Acrescentou Abbey.

A boca do Sara se retorceu pelo esforço de manter a cara séria.

- Trabalho em segurança, bruxas horríveis. Sou seu guarda-costas.

Kate caiu da cadeira rindo. Hannah se derrubou sobre a mesa, seu corpo elegante graciosamente posado.

- Estava guardando seu corpo muito bem, Sara -. Disse Abbey, arrumando-lhe para conseguir que as palavras surgissem entre os chiados de risada.

- Guardando seu corpo muito de perto -. Contribuiu Kate.

- Mantendo esses lábios agradavelmente a salvo -. Esteve de acordo Hannah. - Oh, Sara, pequena, é estupendo esse trabalho.

O único recurso do Sara foi recorrer à dignidade. Não estavam escutando a voz da autoridade suprema de sua irmã maior ante suas travessuras. Ergueu-se, aparentando tanta arrogância como podia com elas três derrubando-se juntas, rindo como hienas.

- Adiante, uivem, mas vocês três poderiam querer ler a velha profecia. Lê-la toda, não só a primeira ou segunda linha.

O sorriso decaiu na cara da Hannah.

- Sara parece terrivelmente presumida. Onde está esse velho livro de todos os modos.

Abbey se ergueu.

- Sara Drake, não te atreveria a tratar de nos enganar, verdade.

- Não brinco -. Disse Sara -. Esse é o departamento da Hannah. Damon vem para aqui. Quero que lhes conheça -. Parecia repentinamente vulnerável. - Realmente eu gosto. Falamos toda a noite sobre tudo. Sabeis esses silêncios incômodos que aparecem com os desconhecidos que não há possibilidade de que nos entendam. Não tivemos nenhum deles. Está tão acostumado a carregar com a Morte. É obvio, não sabe que o está fazendo e se soubesse me teria afastado imediatamente.

- Oh, Sara -. A voz da Hannah estava cheia de compaixão.

- Tenho que encontrar uma forma de lhe ajudar. Ele não poderia suportar outra morte sobre sua consciência. Seu amigo foi assassinado, mas ele as arrumou para salvar-se a si mesmo -, passou-se uma mão pelo cabelo e olhou a suas irmãs com desespero nos olhos -. Eu gosto de tudo dele. Não houve tema que evitássemos. E nos rimos juntos de tudo -. Levantou o olhar para suas irmãs. - Realmente, realmente eu gosto-.

- Então também nós gostaremos - Assegurou-lhe Kate -. E encontraremos uma forma de lhe ajudar -. Abriu a geladeira e esquadrinhou dentro, abrindo os compartimentos. - Comprou verdura fresca?-.

- É obvio, e um montão de fruta. Por certo, felicidades por seu último livro. Li-o de cabo a rabo e era maravilhoso. Como sempre, Kate, suas histórias são fantásticas -. Elogiou Sara sinceramente. - E obrigado, Kate-.

Abbey abraçou a Kate.

- Minhas lembranças favoritas são de quando fomos pequenas e estávamos acostumados a nos tender no balcão olhando às estrelas, contigo nos contando suas histórias. Merece-te todas essas listas de best-sellers.

Kate beijou a sua irmã.

- E não te prejudica absolutamente.

- Inclusive se assim fosse-. Disse Hannah -. Ainda foi a melhor escritora que nasceu nunca e merece cada prêmio e lista que conseguiste.

Kate se ruborizou, ficando quase tão vermelha como os reflexos de seu cabelo. Parecia agradada.

- Como é que o foco se voltou sobre mim. Foi Sara a que passou a noite com um perfeito desconhecido.

- Não passei a noite com ele -. Insistiu Sarah. - Não há segurança em sua casa. E pedi ao Jonas Harrington que se deixasse cair esta manhã para conhecer o Damon-.

As três mulheres geram ao unísono.

- Como pudeste convidar a esse Neanderthal a nossa casa, Sara? - Exigiu Hannah.

- É o xerife local -. Assinalou Sara. - Vamos, todo isso foi faz muito tempo... Fomos pirralhos-.

- Era um completo porco comigo e ainda o é -. Disse Hannah.

A taça cheia de café sobre a mesa diante dela começou a fumer. Hannah baixou o olhar e viu o líquido que começava a ferver. Apressadamente soprou a superfície.

Houve um pequeno silêncio.

- Bem! -. Explodiu Hannah. - Admitirei que ainda me deixa louca só pensar nele. E se me chama Boneca ou Barbie, converter-lhe-ei em um sapo enorme e gordo. Realmente é um sapo, bem poderia parecer um-.

- Não pode converter ao xerife em um sapo, Hannah, vai contra as regras. - Recordou-lhe Abbey. - lhe provoque uma dor de estômago ou um tic nervoso-.

- Isso não é o suficientemente bom -. Interveio Kate. - Necessita imaginação para fazer pagar a esse homem. Algo muito mais sutil... como que cada vez que minta a uma mulher para levar a à cama, cuspa a verdade ou lhes diga o porco que é-.

- Eu faria algo pior -. Ameaçou Hannah. - Faria saber que é repugnante na cama! O Senhor Macho, o menino mau que não podia fazer nada mais que debochar de mim na escola. Acha-se um conquistador-.

- Hannah -. Sara ouviu a dor na voz de sua irmã e falou amavelmente -. Foi então, e ainda agora o é, incrivelmente formosa e inteligente. Ninguém podia nunca ter concebido que fosse tão dolorosamente tímida. Esconde-o bem. Ninguém sabia que vomitava cada dia antes de ir à escola ou que tínhamos que trabalhar combinando feitiços para te manter funcionando em situações públicas. Não saberiam que ainda tem problemas. Confrontaste esses medos para fazer as coisas que lhe aterrorizam e sempre tem êxito. Outros vêem sua beleza, seu cérebro e seu êxito. Não vêem que esconde sua vida privada-.

- Alguém se aproxima pelo caminho -. Disse Kate sem apartar o olhar da Hannah. Estendeu a mão para sua irmã. - Todas estão orgulhosas de ti, Hannah. A quem lhe importa o que pense Jonas Harrington?-.

- Não é Harrington, embora ele esteja perto em alguma parte -. Disse Abbey. - Acredito que é o abre-portões da Sara. Já sabem esse com o que passou a noite. Ainda não posso acreditá-lo, e Ellen diz que quer cada detalhe íntimo em quando tiver oportunidade.

- Não há detalhes íntimos -. Objetou Sara, exasperada -, vou instalar um sistema de segurança para ele. Kate, não deixe que voltem a ler seus livros, está dando asas à sua selvagem imaginação.

- Não foi imaginação nossa quando o vimos te beijando -. Assinalou Hannah alegremente. - Nós o vimos!

- E você o correspondia . - Acrescentou Abbey.

- Bem essa parte não foi culpa minha! -, defendeu-se Sara. - É genial beijando. O que podia fazer além de lhe retribuir o beijo?-.

As irmãs se olharam as umas às outras solenemente e estalaram em gargalhadas simultaneamente. O cão encolhido na esquina levantou a cabeça e choramingou brandamente para conseguir sua atenção.

- Está aqui, Sara, e o portão deve haver-se aberto para ele pela segunda vez - Disse Kate intrigada. - Realmente tenho que dar uma boa olhada no livro da história Drake. Quero saber exatamente o que diz essa profecia. Que estranho que algo escrito há centenas de anos atrás se aplique a nós inclusive nestes tempos modernos-.

- Kate, meu bem -. Disse Abbey. - Toda idade acredita que é progressista e moderna mas em realidade será considerada retrógrada algum dia.

- Está na vereda. - Anunciou Kate e se apressou para a porta principal.

As irmãs foram atrás dela. O coração do Sara começou a acelerar-se. Damon não era o tipo de homem por que tivesse considerado nunca que se sentiria atraída, mas não podia deixar de pensar nele. Pensava muitíssimo em seu sorriso, na forma em que lhe apareciam duas pequenas covinhas perto das comissuras da boca. Pequenas covinhas intrigantes e tentadoras. Tinha um sorriso que convidava a longos beijos embriagadores, ardentes, derretendo-se juntos...

- Sara! - Hannah vaiou seu nome. - A temperatura está começando a subir centenas de graus aqui. Sabe que não pode pensar assim a nosso redor. Jesus! Um dia com este homem e todo seu código moral decaiu.

Sara considerou discutir, mas não tinha muito com o que defender-se. Se Damon não tivesse sido tão cavalheiresco e se contentasse só beijando, ela poderia ter feito amor com ele. Certo, teria feito amor. Deveria ter feito amor. Ficou acordada toda a noite, ardente, nervosa e intranquã pelo desejo. Maldito homem por ter maneiras tão cavalheirescas. Sorriu e se tocou a boca com uma sensação de temor. Ele a tinha beijado a maior parte da noite. Deliciosos, maravilhosos, pecaminosos beijos...

- Sara! - As três irmãs a repreenderam de uma só vez.

Sara sorriu-lhes sem arrependimento.

- Não posso evitá-lo, simplesmente ele me afeta assim.

- Bom, tente não se atirar sobre ele. - Rugiu Abbey. - É tão impróprio de uma Drake. Dignidade no que se refere a homens.

Hannah estava olhando pela janela. Torceu o nariz.

- Kate, quando abrir a porta a Damon, deixe sair os cães para seu passeio matutino. Estiveram fechados toda a noite, os coitadinhos.

Kate assentiu e obedientemente soltou os cães enquanto saudava Damon.

- Que agradável vê-lo, senhor Wilder. Sara nos falou muito de você.

Os cães se apressaram a passar o Damon. Ele se apoiou pesadamente em sua bengala, observando os enormes animais atirarem-se contra o xerife, que avançava pelo atalho. Justo quando o homem alcançava o portão, este se fechou de repente com um ruidoso golpe. Os cães atiraram-se nele com força, grunhindo, mostrando os dentes, e procurando freneticamente com esforço alcançar sua presa.

- Isto não é divertido, Hannah! - Gritou Jonas Harrington. - Fui convidado por sua irmã e vim por fazer um favor. Deixe de ser tão infantil e chame a suas bestas.

Hannah sorriu docemente para Damon e estendeu a mão.

- Não dê atenção ao sapo, senhor Wilder, vem aqui de vez em quando e brinca com sua pequena pistola, acreditando que vai impressionar os nativos. - Bocejou, cobrindo a boca delicadamente. - É tão aborrecido e infantil mas andamos na linha.

Sara assobiou agudamente e os cães instantaneamente cessaram de grunhir, afastando-se da cerca para voltar para para casa. Quando os animais estiveram a salvo lá dentro, a porta se abriu convidando o xerife, sua cara era uma sombria máscara, seu olhar mordaz fixo em Hannah.

- E o que ocorre quando não andam na linha? - Perguntou Damon.

- Porque alardeia de seu poder e nos acossa com multas por excesso de velocidade. - Disse Hannah, mantendo-se firme, com o queixo elevado.

- Foi com excesso de velocidade, Hannah. Acreditava que ia deixar que a liberasse só por ser bonita? - O xerife estreitou a mão de Damon. - Jonas Harrington, o único homem sensato quando Boneca mostra seu verdadeiro caráter.

Hannah lançou-lhe um brilhante sorriso. Suas irmãs se aproximaram mais dela, protetoramente, pensou Damon.

- Por que não, Xerife? Todos os outros policiais me deixaram sair. - voltou-se e se afastou.

Kate e Abbey deixaram escapar um suave suspiro coletivo.

- Pô-lhe uma multa a minha irmã? - Perguntou Sarah ultrajada. - Jonas, realmente é um sapo egocêntrico; por que não pode deixá-la em paz? É tão infantil guardar rancores. Supera-o.

- Ela é a que se comporta como uma adolescente. - Assinalou Jonas. - A parte de alimentar a seus cães comigo, tinha alguma razão real para me convidar a vir aqui?

Uma risada zombadora flutuou de volta para eles.

- Não adule a ti mesmo, Harrington; ninguém te quer aqui.

Enquanto Jonas Harrington entrava na casa, a hera que pendurava do teto se balançou precariamente e uma grossa e viscosa videira lhe golpeou na parte de atrás da cabeça. Jonas se deu a volta, levantando as mãos preparadas para brigar. Separou-se de um tranco a planta e irrompeu no salão, resmungando avessas maldições pelo baixo.

Damon estava atrás dele e se deteve imediatamente, estudando cautelosamente a habitação e depois outra vez a videira.

- Seu novelo come os seus visitantes com frequência?- Perguntou com séria curiosidade enquanto empurrava a hera longe dele com sua fortificação. Passeou-se alegremente entre a massa de vegetação.

- Só aos que se metem com minhas irmãs. - Replicou Sara.

Sem advertência, surpreendendo a ambos, Damon súbitamente se esticou, segurando Sara pela nuca, e arrastando-a para ele. Sua boca cobriu a dela faminta. Sarah se fundiu com ele. Derretendo-se. Converteu-se em fogo líquido. Estalou em chamas. Seus braços rodearam-lhe o pescoço. A bengala caiu ao chão e se

devoraram o um ao outro. O mundo desapareceu até que ficaram sozinhos Damon e Sara e a raivosa necessidade.

- Sara! - O nome brilhou tenuemente no ar, separando-os até que ficaram simplesmente em pé, olhando-se nos olhos, afogando-se. Surpresos.

Sara piscou, tentando enfocar, depois olhou a seu redor e ruborizou-se quando viu Jonas Harrington boquiaberto.

- Feche a boca, Jonas. - Ordenou ela, seu tom o desafiava a fazer um comentário. Conhecia Jonas de toda a vida. É obvio que não deixaria passar a oportunidade. Esperou, acovardada.

- Pelos céus! - Jonas estendeu sua mão para Damon. - É um deus. Beijar a uma Drake é perigoso, é algo assim como correr o risco de beijar uma víbora. Você simplesmente se lançou e foi por isso. - sacudiu a mão de Damon com grande entusiasmo.

- Pare... - Sara olhou fixamente o xerife. - Não comece, e não faça nenhuma fofoca tampouco, Jonas. Já estou realmente zangada com você por dar uma multa a Hannah.

O sorriso murchou na cara do xerife.

- Não acho que só porquê uma mulher seja mortalmente bonita a deva tratar de forma diferente. Sempre teve facilidade em tudo, Sara. Todas vocês a tratam como uma bonequinha.

- Não conhece Hannah absolutamente, Jonas, e não merece conhecê-la. Ela não esperaria que a deixasse libertar-se por sua aparência, idiota. - Sara lançou os braços ao ar. - Esqueça, deixei de tentar te explicar qualquer coisa. Se não entende agora o que é a amizade nunca o fará. Deixemos isso pra lá. Damon e eu temos hoje uma agenda cheia. - Gesticulou para uma cadeira.

Harrington estava olhando para as escadas.

- Sente-se! - Ordenou Sara. - Isto é uma questão de negócios. Assassinato. E justamente em seu terreno, Jonas.

6

Jonas Harrington escutou tranqüilamente enquanto Sara lhe relatava os eventos que tinham tido lugar a noite anterior. Suas escuras feições se endureceram perceptivelmente enquanto ela falava. Lançou um ardoroso olhar para Kate e Abby.

- Por que ninguém me chamou ontem à noite? Podia ter feito algo ontem à noite. Demônios Sara onde tem a cabeça? Poderiam te haver matado!

- Bom, não foi assim. Recuperei o rifle para você, tinha a esperança que pudesse obter impressões digitais, mas duvido.

Jonas sacudiu a cabeça.

- Não faça isso; você me lançava esse mesmo sorriso no jardim de infância e isso sempre te tirava do atoleiro. - Gesticulou para ela. - Dê uma boa olhada, Damon, porque essa vai ser sua resposta cada vez que faça algo que você não goste. - Inclinou para frente em sua cadeira, seus olhos flamejando para ela. - E o que tem que suas irmãs? Ocorreu-lhe que poderia atrair a essa gente até sua própria casa?

Furioso, ficou em pé, um homem grande, movendo-se como um gato da selva, passeando inquieto pelo enorme salão.

- Esses homens são profissionais. Ambos sabemos. Seja o que seja o que tenham feito para lhes atrair...

- Damon trabalhava em um projeto de máxima segurança, Jonas, nada ilegal. Não tem nada que ver com drogas assim te tire isso da cabeça.

Damon se recostou para trás em sua cadeira, dividido entre a preocupação por ter colocado à família Drake em perigo e a prazenteira sensação de que Sara se tornara tão protetora. Imediatamente se tinha convertido em uma feroz tigresa preparada para saltar se o xerife continuava lançando insinuações quanto a seu caráter.

- Quero saber o que nós enfrentamos. E não comece a me atirar palavras à cara para sair pela tangente. Se tivermos alguns homens dispostos a forçar a entrada em uma casa com um rifle de alto calibre...

- Estava carregado com um dardo tranqüilizante. - Interrompeu Sara precipitadamente.

- Fui seqüestrado, junto com meu assistente, faz quase um ano. Mataram meu assistente e eu por sorte que consegui escapar com vida. - Quando Damon falou, uma sombra escura caiu sobre a casa. Fora, o oceano se levantou e salpicou

no ar. - Queriam informação que poderia ter afetado a segurança de nossa nação e me neguei a dar-lhe - Damon se passou uma mão pela cara para espantar um pesadelo. - Sei que soa melodramático, mas... - Lentamente se desabotoou a camisa para expor seu peito e as espirais e cicatrizes que havia atrás dela. - Quero que saibam como é essa gente.

A sombra se alargou e cresceu na parede detrás do Damon. Começou a tomar forma, cinza, translúcida, mas ali de todos os modos, crescendo de forma até que um "ghoul" sem cara emergiu com os braços estendidos e um comprido corpo magro. A boca se abriu de par em par, um gesto de avareza e desejo por causa do vício à Morte que tinha desenvolvido. Os braços poderia haver-se estendido para Jonas ou Damon. Damon afastou-se de Jonas, a dor flutuou em seu rosto, seus ombros se esticaram como se suportassem um grande peso.

Alarmada, Hannah se levantou e puxou Jonas até o outro lado da casa fora de perigo. Jonas amaldiçoou pelo baixinho e se firmou sobre seus pés, pensando que ela tentava atirar dele para lhe tirar da casa.

Sara ajustou as persianas da janela, filtrando a luz, e voltou junto ao Damon, tocando-o gentilmente. Isso foi tudo. O mais ligeiro dos toques. Ela simplesmente posou sua mão sobre a dele, mas a paz lhe o invadiu enquanto abotoava a camisa. O terrível peso que sempre parecia estar o esmagando contra o chão se aliviou.

Os olhos de Kate se encheram de lágrimas e pressionou os dedos contra a boca.

Abbey saiu da sala para voltar com uma xícara de chá.

- Beba isto, Damon. - Disse. - Gostará do sabor.

O aroma se acrescentou ao toque consolador que Sara tinha proporcionado. Não pensou em perguntar como ela tinha se virado para fazer um chá quente em poucos segundos.

- Poderia agradecer uma xícara de chá. - Disse Jonas - se alguém me oferecesse isso. E um toque de prudência na casa seria agradável também. A boneca estava me atirando pela porta e todos simplesmente ficam aí olhando.

- Fiz isso por você. - Hannah se apoiou contra o batente da porta e levantou o olhar para o xerife. Torcia os dedos, único sinal de sua agitação. - Você gostaria de algo doce? Posso fazer uma bebida apropriada.

- Acho que passo sem isso. Um dia destes vou me vingar, Hannah.

Fez-lhe uma careta enquanto a via avançar para as portas a fim de olhar lá fora, para as ondas enfurecidas.

- Tenho um mau pressentimento sobre isto, Sara. Sei que é capaz de fazer certas coisas e a gente não tem nem idéia de como as faz. Possivelmente tampouco você sabe, certamente eu não sei mas acredito em você. Algumas vezes simplesmente sinto. É uma das coisas que faz bem em meu trabalho. - voltou-se para olhá-la. - Tenho um muito mau pressentimento sobre isto. Francamente, tenho medo por todos vocês.

Houve um pequeno silêncio.

- Acredito em você, Jonas. - Disse Sara. - Sempre soube que tem um dom.

O olhar dele percorreu a sala, tocando intranquilamente a cada mulher.

- Conheci a esta família desde que era menino. As rixas. - seu olhar ardente se posou sobre a Hannah. - são insignificantes quando se trata de sua segurança. Não vou perder nenhuma de vocês por isso. Quero que me chame se alguma machucar um dedo do pé. Se virem um desconhecido ou ouvirem um ruído estranho. Não estou brincando com este assunto. Quero sua palavra de que me chamarão. Têm meu número particular ao igual ao número do escritório e o 911.

- Jonas, não se preocupe, estaremos bem. Sou muito boa no que faço. - Disse Sara com completa confiança.

Jonas deu um passo para ela, lembrando uma pantera à espreita. Damon agradeceu parecia ser muito velho para deixar-se intimidar.

- Quero sua palavra. De cada uma de vocês.

Damon assentiu.

- Estou de acordo com Harrington. Esses homens nos torturaram. Não estão brincando. Admitirei que quando estou a seu redor, sinto a magia no ar, mas esses homens são malvados e capazes de torturar e assassinar. Tenho que saber que estão totalmente a salvo ou terei que abandonar este povoado.

- Damon! - Sara pareceu afligida. - Simplesmente o seguiriam. - Pior ainda, levaria a Morte com ele aonde queira que decidisse ir.

- Então cooperem com o xerife. Dêem-lhe o que seja que necessite para deter esses homens. - Por ridículo que parecesse quando acabava de conhecê-la, Damon não podia suportar a idéia de deixar Sara, mas não ia arriscar sua vida.

- Não me importo de chamá-lo, Jonas. - Disse Kate de boa vontade.

Abbey levantou a mão.

- Eu estou dentro.

Sara assentiu.

- Sempre me alegra colaborar com a autoridade local.

Todos os olhos se voltaram para Hannah. Ela encolheu os ombros indiferente.

- Estou disposta a fazer qualquer coisa para ajudar Damon.

Jonas ignorou o rancor de sua voz e assentiu.

- Quero que todos vigiem seus passos. Sejam conscientes do que os rodeia e de qualquer desconhecido. Mantenham esses cães perto e fechem a casa!

- Todos de acordo. - Falou Sara. - Realmente, Jonas, não queremos ter nada que ver com homens armados. Chamar-lhe-emos inclusive se o gato miar.

Ele pareceu um pouco apaziguado.

- Quero colocar patrulhas extra ao redor deste lugar bem como na casa de Damon, Sara.

- Bom, é obvio, Jonas. - Concordou Sara.

- Dar-me-á oportunidade de fazer amizade com eles. - Disse Hannah. - Não conheço muito os novos habitantes do povoado.

Jonas a olhou fixamente.

- Você e seu corpo sinuoso podem ficar longe de meus homens.

Hannah lhe fez uma careta, levantou a mão para empurrar para trás a mecha que lhe caía sobre a cara. Um vento gelado percorreu a habitação, dando vida às cortinas, fazendo que dançassem em um movimento macabro, revoando, estendendo-se para o Jonas para lhe enredar entre suas grossas dobras.

Sara vislumbrou uma escura sombra movendo-se no interior das cortinas. Suas mãos se elevaram em um ondeio casual e grácil. Kate e Abbey seguiram os gentis movimentos com seus próprios dedos. O vento morreu abruptamente e as cortinas caíram em seu lugar.

Damon limpou a garganta.

- Quer alguém me contar que ocorreu?

Jonas sacudiu a cabeça.

- Nunca seja suficientemente tolo para pedir uma explicação a nenhuma delas, Damon. Poderia consegui-la e seus cabelos ficariam grisalhos. - Seu olhar vagou sobre a Hannah. - Nem sequer pense. Posso encontrar meu próprio caminho até a saída.

Damon não apartava os olhos da Sara. Ela estava olhando Hannah e com uma acusação no olhar. Pelo canto do olho, pôde ver que Abbey e Kate faziam o mesmo.

Hannah lançou as mãos ao ar.

- Não pensei nisso, de acordo? Sinto muito.

O silêncio se alargou, a desaprovação espessava o ambiente na habitação.

Hannah suspirou.

- Sericamente o sinto. Esqueci só por um momento o da Mo... - interrompeu-se bruscamente, seu olhar saltou para o Damon. - Sobre a outra coisa com a que estamos tratando. Não voltará a ocorrer.

- Será melhor que não. - Disse Sara. - Não pode permitir se esquecer nem por um momento. É muito perigoso, Hannah.

- Espera um minuto. - Interrompeu Damon. - Se está falando de mim e desses homens de ontem à noite, não quero que sua família se envolva não.

- Os homens? - Kate arqueou uma sobrancelha. - No mais mínimo, Damon, não lhes dedicamos nem um só pensamento. Há coisas muito mais perigosas que os seres humanos.

Estudou às quatro mulheres intercambiar largos olhares sabedores e se exasperou. Elas sabiam algo que ele não. Algo referente a ele.

- Posso entender porque o pobre Harrigton se frustra tanto com vocês.

Sara ficou em pé e lhe soprou um beijo.

- Adora as sete. Solo gosta de esmurrar o peito.

- Está genuinamente preocupado. - Disse Damon. - E eu também. As coisas que disse têm sentido. Já é bastante mau pensar que está em perigo, muito mais que também o estejam todas suas irmãs. - passou-se a mão pelo cabelo com agitação. - Não posso ser responsável por isto.

Para sua surpresa todas elas riram.

- Damon. - A voz do Sara foi uma mescla de diversão e ternura. - Aceitamos a responsabilidade de nossas próprias decisões faz muito tempo. Somos mulheres adultas. Quando escolhemos nos colocar em problemas, aceitamos as conseqüências. - inclinou-se para ele.

Abbey gemeu dramaticamente

- vai fazer o vai beijar lhe justo diante de nós.

- Isso é ir muito longe, Sara. - Protestou Hannah.

- Adiante. - Animou Kate. - Preciso escrever uma boa cena de amor.

Quando Sara vacilou, com seu olhar perdido na dele, Damon aproveitou a vantagem e realizou o trabalho a consciência, não querendo decepcionar a Kate.

7

- Então Sarah. - Disse Damon, baixando seu copo de chá gelado enquanto se sentavam no alpendre. Damon e Sara passavam cada minuto que poderiam encontrar juntos. Dando passeios pela praia. Trabalhando em um sistema de segurança para a casa dele. Dias preguiçosos de risadas e confidências sussurradas. Damon desfrutava de cada momento que passava na casa dela, conhecendo suas irmãs. Nunca ficava sem coisas que dizer a Sara e adorava as histórias dela e sua personalidade aberta. Desfrutava do brilho de sol em sua vida e seu nome era Sara.

Ela tomou um punhado de batatas fritas e lhe sorriu. No alto as gaiivotas voavam em círculos, olhando para baixo com olhos esperançados. Damon não tinha tido mais inoportunas visitas noturnas e apreciava a regularidade com a que o xerife se passeava conduzindo para comprovar as imediações.

Damon sacudiu a cabeça, afligido pelo sorriso dela. Tirava-lhe todo pensamento da cabeça com esse sorriso.

- Sara, tem medo por mim ou por todos outros? Ocorre-me que sempre há um amortecedor entre todo mundo com o que nos cruzamos e eu. No começo o notava realmente, mas a passada noite estive pensando nisso. Começo a te conhecer e acredito que prefere que seus amigos não a vejam comigo.

O fôlego do Sara ficou parou em sua garganta ante o indício de dor na voz dele. A maior parte do tempo que passava com ele, o que mais desejava era estar com ele. E a escura sombra que o rodeava o apertava ainda com mais força.

-Não me importa que todos nos vejam juntos. É você que se preocupa com as fofocas. Eu estou acostumada a eles e não me incomodam.

- Então vamos juntos ao povo. - Era um desafio.

Sara deixou escapar o fôlego. A névoa madrugadora da manhã se dissipou, deixando no céu um assombroso tom de azul. Podia ver as nuvens acumulando-se ao longe sobre o mar. Olhou cuidadosamente para Damon, inspecionando cada centímetro dele. Não havia sombra escura lhe rodeando e seus ombros não se encurvavam como se carregasse um grande peso.

- Soa genial, se realmente estiver seguro de querer arriscar você.

Ele ficou em pé e estendeu a mão para ela.

- Vamos.

- Agora mesmo? - Não tinha esperado que realmente desejasse ir, mas obedientemente o tirou da mão e lhe permitiu levantá-la.

- Sim, enquanto tenho coragem. Caminhar com você pela cidade deve ser um festim para as más línguas. A história se estenderá como um rastilho de pólvora.

Sara riu brandamente, sabendo que era verdade. Uma vez tiveram percorrido a curta distância até o povo, ela enfiou para a loja de comestíveis, decidida a seguir adiante com isso.

- Sinto um pouco de pena pelo Harrington. - Disse Damon enquanto caminhava com o Sara pela rua principal do povo. - deixa-se cair pela casa algumas vezes e é muito simpático. - Estendeu a mão e enredou seus dedos com os do Sara.

- Está certo de que quer isto? - A voz do Sara era cética? - me agarrar da mão em público atrairá um potente foco sobre ti. Os rumores vão percorrer a toda velocidade o povo, mais rápido do que voa uma gaivota. Sei o muito que valora sua privacidade.

- Isso era antes de me retirar. Quando trabalhava da manhã de noite e não tinha vida. -Damon riu brandamente. Era feliz. Olhá-la fazia feliz. Caminhar com ela, falar com ela. Era ridículo quão feliz era quando estava em sua companhia. Não tinha sentido mas não ia questionar um dom celestial. - Podemos lhes dar algo real sobre o que mexerica.

A risada de Sara flutuou com a brisa, um som melodioso que fez que se girassem cabeças.

- Nada de "fofocas" Damon, são "notícias". Aqui ninguém mexerica. Tem que falar corretamente.

Damon escutou o som de seus sapatos sobre a calçada de madeira. Tudo era tão diferente com a Sara. Sentia-se como se finalmente estivesse em casa. Olhava a seu redor às casas pitorescas, tão curiosas e únicas. Já não se sentia forasteiro ou percebia hostilidade para ele; a gente era excêntrica, mas íntima. Como o tinha feito Sara? Misteriosa Sara. Inclusive o vento lhe dava a bem-vinda de volta a casa. Seus dedos se fecharam ao redor dos dela, sujeitando-a. Não estava do todo seguro de que Sara fora humana e temia que pudesse tornar-se a voar afastando-se dele sem prévio aviso, unindo-se aos pássaros sobre o mar.

Ela saudou uma jovem em um alpendre.

- É boa gente, Damon. Não encontrará gente mais acolhedora em sua vida que a que vive aqui.

- Inclusive Harrington? - Brincou ele.

- Sinto-me um pouco mal por ele também. - Respondeu Sara seriamente. - A maior parte do tempo, Jonas é um homem amável e compassivo e muito bom com todo mundo, mas simplesmente se nega a ver a verdade sobre a Hannah. A olha e só vê o exterior. Ela sempre foi bonita. Ele era muito popular com as garotas no colégio, um atleta incrível, toneladas de méritos no colégio, o menino sonhado

entre os residentes. Pensava que Hannah era uma orgulhosa porque nunca falava com ele. Ele fez de sua vida um inferno vivente, debochou dela sem piedade durante toda a escola. Nunca o perdoou e ele nunca entendeu por que. É um bom homem e não era malicioso na escola. Do ponto de vista, só brincava. Não tem nem idéia de que Hannah é dolorosamente tímida e nunca a terá.

Damon fez um ruído com a garganta.

- É uma "top model", Sara... está na capa de todas as revistas. Viaja por todo mundo. E, tenho que dizer que parece muito segura de si, mesmo em todas as entrevistas de televisão, periódicos e shows em que a vi. Nunca a associaria com a palavra "tímida".

- Ela pega muito ar antes de falar em público; de fato, leva uma bolsa de papel com ela. A maior parte dos entrevistadores e jornalistas tomam cuidado com ela. Que seja dolorosamente tímida não significa que permita que isso afete a sua vida.

- Por que simplesmente não dá uma pista ao Harrington?

- Por que tem ele que julgar a Hannah com tanta dureza, só por seu aspecto? Minha irmã Joley é igualmente espetacular, embora não exatamente do mesmo modo. Jonas nunca se atreveria a atormentá-la. Todas minhas irmãs são bonitas e ele não utiliza esse tom sarcástico com elas. Só o faz com a Hannah e diante de todo mundo.

Damon ouviu o feroz amparo no tom de sua voz e sorriu. Atirou dela aproximando-a mais sob seu amplo ombro. Sua Sara. Sem advertência, o medo golpeou profundo, fantasmagórico, afiado como uma faca. O fôlego abandonou seus pulmões.

- Sara? Estamos pensando o mesmo? Nunca antes tinha desejado alguém em minha vida. Nenhuma só vez. Só acabo de te conhecer e não posso imaginar o resto de minha vida sem ti. - passou-se os dedos pelo cabelo, o fortificação quase lhe golpeou a cabeça. - Sabe a que pareço? Um perseguidor obsessivo. Eu não sou assim com as mulheres, Sara.

Os olhos dela dançaram.

- Isso deixa muito campo aberto, Damon. Está falando de uma família com seis irmãs e um trilhão de primos. Tenho um milhão de tias e tios. Não pode te descobrir assim sem mais ou vão burlar se de ti sem piedade.

Fizeram um alto diante da loja de comestíveis. Damon se enfrentou a ela, lhe capturando o queixo com a mão para lhe inclinar a cara para cima.

- Digo-o a sério, Sara. Sei que quero um futuro contigo nele. Tenho que saber que os duas estamos na mesma página.

Sara ficou nas pontas dos pés para pressionar um beijo contra sua boca.

- Aí vai uma pequena notícia relâmpago para você, Damon. Eu não comprometo meu trabalho me metendo com meus clientes. Não o faço, é uma regra, beijar desconhecidos e passar a noite desejando que dêem o grande passo.

- Quer que dê o grande passo?

Sara riu, atirando da mão dele, lhe arrastando ao interior da loja.

- É óbvio que sim.

- Bom este é um momento terrivelmente mau para me dizer isso.

Inês estava na janela da loja com três de seus clientes, olhando Sara e Damon com a boca aberta. Damon lhes franziu o cenho.

- Estão caçando moscas?

Sara lhe apertou a mão com firmeza em advertência. Sorrindo todo o tempo serenamente.

- Inês! Só nos deixamos cair por aqui para uma visita rápida. Kate, Hannah e Abigail estão no povoado para uns poucos dias e estão desejando vê-la! Joley, Elle e Libby enviam abraços e me ordenaram que dissesse que esperam voltar logo. - Sua voz era brilhante e alegre, dissipando a ar de tristeza da loja. - Conhece Damon, é claro.

Inês assentiu, seu olhar de falcão fixa em suas mãos unidas. Sua garganta trabalhava convulsivamente.

- Sim, é claro. Não sabia que vocês fossem amigos íntimos.

Damon a olhou fixamente, desafiando à mulher a que insinuasse qualquer outra coisa. Sara simplesmente riu.

- Gostei dele assim que o vi, Inês. Você sempre me dizia que assentasse a cabeça com um bom homem e bem... aqui está ele.

- Nunca o imaginaria, e o senhor Wilder não disse nenhuma palavra. - Disse Inês.

Damon forçou um sorriso sob a sutil pressão da garra de Sara. Suas unhas lhe estavam cravando na mão.

- Chame-me Damon, Inês. Nunca me arrumava isso para te apanhar a sós. - Foi a melhor desculpa que pôde ocorrer-se o e soava plausível. Devia ter funcionado porque Inês lhe sorria, lhe outorgando o sorriso que reservava a seus amigos mais próximos. Apesar de si mesmo, Damon pôde sentir um diminuto brilho de prazer ante a aceitação.

- Como vai tudo ultimamente? - Perguntou Sara antes que Damon pudesse lhe advertir que era má idéia dar corda a Inês.

- Honestamente, Sara, Donna a da loja de presentes é uma mulher adorável mas simplesmente não entende a importância de reciclar. Justo esta manhã a vi desfazer-se de seus papéis com o plástico. O expliquei muitas vezes e lhe mostrei a forma mais fácil de ocupar-se disso mas simplesmente não o agarra. Sei boa e faz algo sobre isso, vale?

A boca de Damon quase ficou totalmente aberta ante a petição. O que queria Inês que fizesse Sara? Separar o lixo dessa mulher por ela?

- Não há problema, Inês. Agora passarei por ali. Damon e eu esperávamos que alguns de nossos amigos nos ajudassem com um pequeno problema. Há alguns desconhecidos que estiveram no povo, provavelmente durante uma semana ou dois... três homens. Nós gostaríamos de saber seu paradeiro, seus movimentos, essa classe de coisas. Infelizmente não temos uma descrição clara mas

um deles tem uma ferida na cara, mais que provavelmente ao redor da mandíbula. Espero que o outro possa ter sido mordido por um carrapato. - deteve-se, com uma pequena careta maliciosa jogando na comissura de sua boca. - Possivelmente um montão de carrapatos.

- O que têm feito? - Perguntou Inês, baixando a voz como se unisse a uma conspiração.

- Tentaram forçar a entrada na casa do Damon. Jonas tem toda a informação que pudemos lhe dar. Ia fazer comprovações no hospital e a clínica. - Mencionou o da pistola tranqüilizador também. - Se alguém os vir, ou lhe menciona isso, importar-te-ia me chamar? E possivelmente seria boa idéia chamar Jonas também?

- Bom, querida, você sabe que eu não acredito nisso de colocar os narizes nos assuntos de outros, mas se realmente necessita que a ajude... Estarei mais que feliz de te agradar. - Disse Inês. - Sempre há muitos turistas mas deveríamos ser capazes de dar com um homem que tem algo mal na mandíbula.

Sarah se inclinou para beijar Inês afetuosamente.

- Era tão boa amiga, Inês. Não sei o que faríamos todos sem você. - voltou-se para olhar aos três clientes. - Irene, espero que não te importe que leve o Damon quando for lhes ver ti e ao Drew esta tarde. - Queria avaliar as condições de Drew antes de envolver a suas irmãs e dar a Irene ainda mais esperança. - Só queremos lhe visitar uns minutos. - Acrescentou apressadamente. - Não lhe cansaremos.

A expressão de Irene se aliviou grandemente.

- Obrigado, Sara; é obvio que pode trazer quem você queira. Disse a Drew que possivelmente te deixaria vir e está tão excitado. Adorará a companhia. Já nem sequer a seus amigos ele quer ver.

- Bem, não posso esperar para vê-lo de novo. Agora não vá tomar-te muitos problemas, Irene. A última vez que te fiz uma visita, tinha todo um almoço esperando. - Sara esfregou o braço de Damon. - Irene é uma estupenda cozinheira.

- Oh, se é. - Esteve de acordo Inês prontamente. - Seus pratos são sempre os primeiros em cada arrecadação de fundos.

Irene começou a sorrir, com aparência satisfeita.

A calidez no coração do Damon se estendeu até seu estômago, lhe esquentando o sangue. Sara pulverizava seu brilho. Esse tinha que ser seu segredo. A em qualquer lugar que fora, simplesmente estendia boa vontade a outros porque genuinamente se preocupava com eles. Não era que fora simplesmente tolerante; gostava de seus vizinhos com todas suas idiossincrasias. Não pôde evitar a estranha sensação de orgulho que o invadiu. Como tinha tido tanta sorte?

Damon empurrou seus óculos de sol para cima pela ponte do nariz enquanto serpenteavam cruzando a rua. Viu que se dirigiam para a colorida loja de presentes.

- De verdade vai classificar o lixo dessa mulher, Sara?

- É obvio que não, somente vou fazer uma visita curta e a dizer olá. Possivelmente nossos intrusos comprassem uma lembrança ou possivelmente um

presente para alguém. Nunca se sabe, devemos cobrir todas as bases. - Replicou Sara despreocupadamente.

Damon riu.

- Sara, dificilmente acredito que os seqüestradores vão por aí tomando um momento para comprar uma lembrança de sua estadia. Poderia estar equivocado, mas parece pouco provável.

Sara simplesmente lhe sorriu. Roubava-lhe o fôlego com seu sorriso. Ela deveria ter estado sempre em sua vida. A seu lado. Todos aqueles anos trabalhando, sem pensar nunca em ninguém mais, e Sara tinha estado em alguma parte do mundo. Se a tivesse conhecido antes, poderia haver-se retirado também antes Y...

- Tem alguma idéia da perfeitamente tentadora que é sua boca, Damon? - Sara interrompeu seus pensamentos, sua voz prática, intensamente interessada.

- Sara! Sara Drake! Yuuu...huuu! - Uma mulher alta de proporções amazônicas e pele extraordinária saudou grosseiramente, interceptando-os. Um homem maior, obviamente seu pai, e um adolescente a seguiram a um passo muito mais tranqüilo.

As nuvens se acumulavam ameaçadoramente sobre o mar, tão longínquas como tinham parecido só uns minutos antes, movendo-se para o interior a grande velocidade. O vento uivou, soprando desde mar, levando algo escuro e perigoso com ele. Dedos gelados tocaram a cara do Sarah, quase uma carícia deleitada... ou um desafio. Ela estudou a cara do Damon, seu corpo, enquanto ele aceitava o peso, uma postura de seus ombros, pequenas linhas que apareciam perto de sua boca. Ele não parecia notá-lo, já estava muito acostumado a seu sombrio acompanhante.

Aproximou-se mais ao Damon, um gesto puramente protetor enquanto os dois homens se aproximavam deles seguindo à mulher. O sorriso de bem-vinda vacilou na cara do Sara. Uma sombra se moveu sobre a calçada, reptando pelo chão, uma ampla rede escura que se estendia em busca de uma presa.

- Patsy, passou muito tempo. - Mas olhava ao homem maior. - Senhor Granger. Que agradável lhe ver de novo. E Pete, me alegro de ver você e de que nos tenhamos topado contigo. Vou visitar o Drew logo. Poderei lhe dizer que te vi. Arrumado a que se alegrará de saber de ti.

Pete Grager arrastou a ponta de sua bota sobre a calçada.

- Deveria ir ver lhe. Tem passado algum tempo. Não sei que dizer.

Sara lhe pôs uma mão no ombro. Damon podia ver que estava preocupada.

- Saberá justo o que terá que dizer. Isso é a amizade, Pete, estar aí nos bons e os maus tempos. Os bons são fáceis, os maus, bom... - encolheu-se de ombros... esses são um pouco mais difíceis. Mas você sempre foi incrivelmente duro e o melhor amigo de Drew. Sei que estará aí para ele.

Pete assentiu com a cabeça.

- Diga-lhe que me passarei por ali esta noite.

Sara sorriu com aprovação.

- Acredito que é uma grande idéia, Pete. - Tocou à mão dos Granger com dedos amáveis. - Como foi sua visita ao cardiologista?

- Por que, Sara? - perguntou Patsy. - Papai não tem um cardiologista. Não acontece nada de ruim a seu coração.

- Serio? Nunca faz mal assegurar-se, senhor Granger. Os exames médicos são sempre uma chatice, mas enfim são necessários. Patsy recorda esse cardiologista que minha mãe visitou quando estávamos em nosso primeiro ano de universidade? Em São Francisco?

Patsy intercambiou um largo olhar com seu pai.

- Recordo, Sara. Possivelmente poderíamos ir vê-lo no próximo mês quando as coisas estejam assentadas na loja.

- Estas coisas é sempre melhor se insistir em se ocupar delas imediatamente. - Advertiu Sara. - Este é Damon Wilder, meu amigo. Vós três já lhe conhecem?

Damon estava simplesmente atônito. Pete ia visitar seu amigo doente e o senhor Granger ia ver um cardiologista, tudo porque Sarah sugeria. Estudou mais atentamente ao homem maior. Não podia ver que Granger parecesse doente. O que tinha visto Sarah que ele não podia ver? Não lhe cabia a menor duvida de que esse cardiologista ia encontrar algo mal no coração do senhor Granger.

Sarah pediu aos três que mantiveram um olho nos desconhecidos com machucados na cara ou mandíbula e o trio acordou fazê-lo antes de partir apressadamente.

- Como faz isso? - Perguntou Damon, intrigado. Ela estava fazendo algo, sabia coisas que não deveria saber.

- Fazer o que? - Perguntou Sara. - Não tenho nem idéia do que está falando.

Damon estudou sua cara ali na rua com a luz do sol brilhando sobre eles. Não podia deixar de olhá-la, não podia deixar de desejá-la. Não podia acreditar que fora real.

- Vê algo que está mais à frente do olho humano, Sara algo que a ciência não pode explicar. Eu acredito na ciência, mas não posso encontrar uma explicação para o que faz.

Damon estava olhando-a com tanta fome, um desejo cru em sua expressão, o coração de Sara se derreteu no ato e seu corpo ardeu em chamas.

- É um legado Drake. Um dom. - Aonde quer que esteja dirigindo foi-se da cabeça. Não podia pensar em nada mais que no Damon e a necessidade de sua cara, a fome de seus olhos. Seus dedos se enredaram no peitilho da camisa dele, justo diante da loja de presentes, a plena vista dos interessados cidadãos. - A profecia Drake esquece mencionar a intensidade da atração física. - Murmurou.

Um homem podia afogar-se nesses olhos, perder-se para sempre. As mãos do Damon apertaram possessivamente, atraindo-a para ele, levantando-a contra seu corpo. Cada célula reagiu instantaneamente. Látegos de relâmpago dançaram em seu sangue enquanto línguas de fogo lambiam sua pele, ao primeiro toque do corpo dela completamente vestido. O que ia ocorrer quando estivesse completamente nua baixo ele?

- Pode que não sobreviva. - Sussurrou ele.

- Importar-nos-ia? - Perguntou Sara. Não podia apartar o olhar dele, não podia deixar de lhe olhar aos olhos. Desejava-lhe. Estava dolorida por ele. Queria estar a sós com ele. Não importava onde, só que estivessem sozinhos.

- Não pode me olhar assim. - Disse Damon. - vou prender-me em chamas e sou endiabradamente velho para estar atuando como um adolescente.

- Não, não o é. - Negou Sara. - Pelo resto, não me importa absolutamente. - deu-se meia volta para a rua, ainda entre seus braços. - Acredito que Inês vai se cair por sua janela. Coitadinha vai perder a vista se seguir com isso. Deveria lhe haver sugerido que se conseguisse uns óculos. Deixarei que Abigail o sugira. Tem que ser cuidadosa com a Inês porque é muito sensível.

Era a forma em que Sara o dizia, tão absolutamente sincera isso atirava da fibra sensível de seu coração.

- Eu nunca pude conectar com a gente. Nunca. Nem seguisse na universidade. Sempre me incomodava todo mundo. Preferia os livros e meu laboratório a falar com um ser humano. - O admitiu, desejando que ela entendesse a diferença que tinha marcado. Realmente começava a interessar-se pelo Inês e isso era francamente, endiabradamente, horripilante. Começava a encontrar aos habitantes do povo interessantes depois de vê-los através dos olhos dela.

- Voltemos para minha casa. - O sugeriu. - Não disse que podia haver falhas nesse sistema de segurança que instalou?

-Estou segura de que tenho que comprová-lo. - Esteve de acordo Sara. - Mas tenho que fazer esta parada antes. O prometi a Inês.

## 8

A pequena loja de presentes era alegre e brilhante. Soava brandamente uma música celta. Livros *New Age* e cristais de todas as cores ocupavam um lateral da loja enquanto fadas, dragões e criaturas míticas eram rainhas supremas no outro.

Damon tinha estado preparado para a desordem depois dos comentários sobre a falta de educação em questão de reciclagem da proprietária mas a loja estava impoluta.

- Acredito que Donna conhece de sobra o assunto da reciclagem. - Sussurrou Damon contra o ouvido do Sara. - Provavelmente passou disso depois de ver a Inês espiando-a pela janela da loja com os lábios apertados e as mãos nos quadris. - Seus dentes mordiscaram só por um momento, enviando um tremor através dela. - Saíamos daqui enquanto tenhamos oportunidade.

Sara sacudiu a cabeça.

- Tenho o pressentimento especialmente forte de que devemos falar com a Donna hoje. - Estava franzindo o cenho ligeiramente, com uma expressão perplexa na cara.

Damon sentiu algo retorcer-se e enroscar-se ao redor de seu coração. Um conhecimento florescente. Crença. Ele era um homem de lógica e livros, mas sabia que Sara era diferente. Sabia que ela era mágica. A misteriosa Sara tinha voltado para casa e com ela, algum poder indefinido que não podia ser ignorado. Agora o sentia por si mesmo, depois de ter estado em sua presença. Era muito real, algo que não podia explicar mas que sabia que estava ali, profundamente no interior dela.

Esse conhecimento fazia muito mais fácil aceitar a assombrosa intensidade da química entre eles. Mais que isso, ajudava-lhe a acreditar nas poderosas emoções que já a floravam na superfície com relação a ela. Como se apaixonar um a simples vista? Sempre se tinha burlado da idéia, mas Sara estava firmemente envolta ao redor de seu coração e fazia solo uns dias que a conhecia.

- Se sentir que devemos falar com a Donna, então custe o que custar, encontremos a essa mulher. - Acordou prontamente.

Tinha-lhe trocado para sempre. Era diferente por dentro e preferia ao homem no que se converteu ao homem que tinha sido. Passava-se muito tempo pensando nisso, seus sentimentos não tinham sentido, mas não queria pensar nisso. Simplesmente o aceitava, abraçando a oportunidade que o destino lhe tinha brindado.

Sara chamou, movendo-se pela loja com a graça natural que Damon tinha chegado a associar a ela.

- A filha da Donna foi à escola com o Joley. Donna é tão doce, Damon... Conheceste-a? - Espiou depois da soleira coberta através de uma cortina de contas que conduzia à parte traseira da loja.

- Vi-a. - Disse Damon. - na loja do Inês. A ela e ao Inês gosta de intercambiar sarcasmos.

- Foram amigas durante anos. Quando Inês esteve doente faz uns anos, Donna se mudou a sua casa e cuidou dela, ocupou-se de sua própria loja de presentes e da loja de comestíveis. Só gostam de queixar-se-á uma da outra, mas é todo um jogo. A porta de atrás está aberta. É estranho. Donna tem fobia aos insetos. Nunca deixa as portas abertas. - Havia preocupação em sua voz.

Damon seguiu a Sara através da cortina de contas, notando a pilha de papel pacote com corda e o barril de plástico etiquetado com grandes letras.

- Eu diria que Donna sabe mais de reciclagem que a maioria da gente.

- É obvio que sim. - O tom do Sara era distraído, como se não estivesse emprestando muita atenção. - Solo gosta de dar ao Inês algo de que falar.

- Quer dizer que o faz a propósito? - Damon queria rir mas o comportamento do Sara lhe estava pondo nervoso. Saíram da loja até o alpendre traseiro.

O vento os golpeou, chegando do mar. Chegando da casa do escarpado. Sara levantou a cara para o vento, fechando os olhos durante um momento. Damon estudou sua cara, observou seu corpo. Havia uma completa imobilidade nela. Estava ali com ele fisicamente, mas tinha a impressão de que seu espírito cavalgava sobre o vento. Mentalmente estava com suas irmãs na casa do escarpado.

O vento lhe golpeou com sua frieza, lhe pondo a carne de galinha nos braços, enviando um calafrio de alarme por suas costas. Algo ia mau. Sara sabia que algo ia mau e agora também ele sabia.

Sara abriu os olhos e lhe olhou com apreensão.

- Donna. - Sussurrou o nome.

O vento batia as folhas das árvores e as fazia girar em pequenos redemoinhos de caos e confusão. Sara observou a vertiginosa massa de folhas com intensidade. Seus dedos se fecharam ao redor da boneca dele.

- Não acredito que esteja longe mas temos que nos apressar. Chama o escritório do xerife. Diga-lhes que enviem uma ambulância e um carro patrulha. Acredito que seus seqüestradores decidiram comprar na loja da Donna.

Começou a afastar-se dele, para a pequena casa assentada depois da loja de presentes. Estava coberta de massas de flores e arbustos, virtualmente um refúgio no meio do povo.

- Espera um minuto! - Damon duvidou, esmigalhado entre a necessidade de fazer a chamada telefônica e seguir a Sara. - E se ainda há alguém ali, e se o xerife acredita que estou louco?

- Alguém está ainda ali e acabo de te dizer que te dê pressa. - Sara lançou as palavras para trás sobre seu homem. Movia-se com rapidez, embora silenciosamente, agilmente, com tanta graça que recordou a um animal à espreita.

Damon amaldiçoou em voz baixa e se apressou a retroceder até o interior da loja. Inês estava justo ao outro lado da cortina de contas com a cara muito pálida.

- O que acontece? - Exigiu, sua mão voou para seu coração.

- Sara quer que chame o xerife e lhe diga que se dêem pressa. Também me disse que chamasse uma ambulância. Faça para que possa me assegurar de que nada ocorre a Sara?- Damon falou amavelmente, temendo que a mulher maior pudesse deprimir-se.

Inês elevou o queixo.

- Vê, terei uma dúzia de policiais aqui imediatamente.

Damon deixou escapar um suspiro de alívio e se apressou a correr detrás o Sarah. Ela já estava fora de sua vista, perdida atrás da alvoroçada explosão de flores. Amaldiçoou silenciosamente sua perna lesada. Podia ir a qualquer parte se ia o suficientemente devagar mas não podia correr e inclusive caminhar rápido era perigoso. Sua perna simplesmente se paralisaria.

O coração lhe pulsava com tanta força no peito que temeu que pudesse explodir. Que Sara estivesse em perigo era aterrador. Tinha pensado que já não ficava nada para ele, mas ela tinha entrado em sua vida em sua hora mais escura e lhe havia traído esperança e luz. Risada e compaixão. Inclusive lhe tinha ensinado a apreciar a Inês. Damon amaldiçoou de novo, tentando a sorte, utilizando sua fortificação para manter apartados os arbustos enquanto tentava apressar-se sobre os calhaus que Donna tinha utilizado tão cuidadosamente para construir o caminho entre sua casa e sua loja.

Um suave sussurro a sua esquerda indicou a posição de Sara. Abria-se passo centímetro a centímetro para a porta da casa da Donna, utilizando os vários rododendros enormes para cobrir-se. O sinal de sua mão foi clara: queria que ele se agachasse e ficasse onde estava. Uma idéia humilhante. Sara correndo ao resgate enquanto ele se escondia entre os arbustos. O pior era, que podia ver que ela era uma profissional. Movia-se como se o fora, e tinha tirado uma arma de alguma parte. Encaixava em sua mão como se estivesse familiarizada com ela, a arma era parte dela.

Damon notou depois de tudo seus largos bate-papos juntos, que não conhecia Sara absolutamente. Seu coração, sua mente e alma a desejavam e necessitavam, mas não a conhecia. Cativado, observou como ela ganhava o alpendre. Inclusive o vento pareceu imobilizar-se, contendo o fôlego.

Sara se voltou para levantar o olhar para o céu, elevando os braços para as nuvens. Sua cara estava voltada para a casa do esculpado. Damon teve uma súbita

visão de suas irmãs de pé sobre as ameias ante o mar enfurecido, levantando os braços ao uníssonos com a Sara. Chamando o vento, chamando os elementos para lhes impor juntas sua vontade.

O vento gemeu brandamente, carregando o som de uma melodiosa canção, tão fraco que não pôde captar as palavras mas sabia que as vozes eram femininas. Escuros fios envolviam as nuvens no alto e o vento golpeava a casa, sacudindo janelas e portas. O céu se obscureceu ameaçadoramente, grossas gotas de chuva golpearam o teto e o pátio. Damon saboreou o sal no ar. A chuva parecia provir do próprio oceano, como se o vento, em resposta à chamada de algum poder, tivesse conduzido o sal da água de mar e a estendesse sobre a terra.

O vento levou reminiscências de uma onda, depois golpeou de novo, esta vez com um rugido de raiva, apontando para a entrada. Sob o assalto, a porta estalou para dentro, permitindo que o vento uivador entrasse na casa. Sara rodou atrás dele, enquanto papéis e revistas voavam em todas as direções, proporcionando uma pequena distração. Já estava levantada sobre um joelho com um só movimento, apontando sua arma.

- Não quero ter que lhe disparar, mas o farei. - Disse ela. As palavras chegaram claramente até o Damon embora a voz fosse muito baixa. - Atire a arma e dele uma patada afastando-a de você. - Damon se apressou a subir os degraus do alpendre. Podia ver que a mão de Sara estava firme como uma rocha. - Donna, não tente te mover, uma ambulância está em caminho. - Seu olhar não abandonava o homem que estava em pé sobre o corpo da Donna.

Damon podia ver a massa da cabeça da Donna, o sangue molhava o grosso tapete. Seus dedos se apertaram ao redor da fortificação até que os nódulos lhe puseram brancos. Passou a sujeitá-lo com as duas mãos. A fúria lhe sacudiu ante a visão da mulher sobre o chão e o homem ao que reconhecia sobre ela.

- Damon. - A voz da Sara foi gentil mas dominante. - Não.

Damon não tinha notado que tinha dado um passo agressivo para frente. Sara não havia tornado a cabeça, não tinha afastado seu olhar alerta do atacante da Donna, mas de algum modo tinha sabido suas intenções. Obrigou-se a si mesmo a recuperar o controle.

- Por que atacaria a uma mulher indefesa? - Perguntou Damon. Estava tremendo de fúria, pela necessidade de vingança.

- Não tente raciocinar com ele. - Aconselhou Sara. - Ouço uma sereia. Importar-te-ia ver se for o xerife?

Damon se voltou e quase atropelou a Inês. Agarrou-a quando ela tentou apressar-se a acudir junto à Donna.

- Não pode te colocar entre o Sara e o homem que atacou a Donna. - Disse. Inês parecia ligeira e frágil entre suas mãos. Nunca lhe tinha parecido velha, mas

agora podia ver a idade desenhada em sua cara. Parecia tão ansiosa que temeu por ela. Muito gentilmente a arrastou longe da entrada, fazendo-a a um lado.

O vento soprava através da habitação, enviando papéis soltos uma vez mais ao ar. Inês se estremeceu e se estendeu para fechar a porta à fria brisa marinha.

- Não! - A voz do Sara foi afiada esta vez, algo impróprio dela.

Foi suficiente para estimular ao Damon a entrar em ação. Manteve a porta aberta aos elementos. Foi sozinho então quando sentiu a repentina corrente de poder que entrava com o vento. Fracamente podia ouvir, ou imaginar, o canto que chegava procedente do oceano... o da casa do escarpado.

Estudou o assaltante da Donna, um dos homens que lhe tinha torturado. O homem que tinha pressionado a arma contra a cabeça de Dão e apertado o gatilho. Por que ficava simplesmente imóvel? Era sozinha a ameaça que supunha a arma de Sara?

A Damon não cabia dúvida de que ela dispararia, mas seria isso suficiente para intimidar a um homem como este? Duvidava-o. Havia algo mais na habitação, algo que sujeitava o assassino.

Uma sensação de leveza invadiu seu coração, carregada com uma sensação de paz. Sara era uma mulher de seda e aço. Era magnífica.

- Jonas está chegando. - Sussurrou-Inês a Damon. - Sara vai ter problemas. Estará débil e doente depois disto. Não quererá que ninguém a veja assim.

Damon podia ver a aceitação de sua relação com a Sara na expressão do Inês. Fez-lhe sentir como se verdadeiramente pertencesse a este sítio. A aprovação da Inês significava mais para ele do que deveria, o fazia sentir-se parte desta comunidade tão unida em vez de como estranho que sempre tinha sido em todas as partes.

Assentiu com a cabeça, fingindo entender, decidido a estar aí para a Sara na forma em que ela parecia estar sempre para todos outros.

Jonas Harrington atravessou a porta o primeiro, seus olhos duros e resolvidos. Teve ao assaltante da Donna algemado ao momento. Sarah caiu para trás sobre os talões, com a cabeça inclinada. Limpou-se o suor da frente com uma mão tremente. Damon foi para ela imediatamente, ajudando-a a levantar-se, obrigando-a a apoiar-se nele quando não quis fazê-lo, quando se mostrou preocupada com seu quadril e sua perna.

Sara percorreu o vestíbulo com a ajuda do Damon, encontrando uma cadeira na cozinha onde poder sentar-se. Levantou o olhar para ele e lhe sorriu com afeto. Isso foi tudo. E o era tudo. Deu-lhe um copo de água, ajudando-a a manter as mãos o suficientemente firmes para bebê-lo. Recuperou-se bastante rapidamente, mas permaneceu pálida.

- Suas irmãs sentem os mesmos efeitos?

Sara assentiu.

- Não é o mesmo que lançar um feitiço. Requer uma tremenda quantidade de nossa energia reter alguém contra sua vontade. Não estava em sua natureza mostrar-se passivo. - Estendeu uma mão. - Estou melhor. Preciso comer algo e dormir um momento. - Suspirou. - Prometi a Irene que visitaria o Drew esta noite mas não tenho forças depois disto, não da classe que necessitaria para lhes ajudar. - Seu pressionou a ponta dos dedos sobre as têmporas. - Em realidade não posso fazer nada pelo Drew e Irene sabe. Prolongar sua vida poderia não ser o melhor. Se ao menos Libby estivesse aqui.

- Sara. - Ele falou com seu tom mais amável. - Deixa-o por agora. Deixe-me te levar para casa, preparar-te-ei uma boa comida e poderá dormir. Eu mesmo falarei com a Irene. Ela o entenderá.

- Como soube que minhas irmãs me ajudavam?

- Senti. - Replicou ele. - Está suficientemente forte para falar com o xerife?

Ela assentiu.

- E quero me assegurar de que Donna está bem.

Quando voltaram para salão, Harrington já tinha o assaltante da Donna no carro patrulha. Donna estalou em lágrimas, fazendo que Damon se sentisse indefeso e inútil mas cheio de uma profunda sensação de orgulho pela Sara e suas irmãs.

- Por que te atacou Donna? - Perguntou Sara.

- Notei que tinha seu brinco, Sara, que Joley fez para você. Tinha-o posto. Era só um e pensei que devia havê-lo perdido. Assim lhe perguntei por ele. Golpeou-me com força e me arrastou fora da loja pela parte de atrás até minha casa. Fez-me perguntas sobre você e o senhor Wilder.

Sara pressionou sua mão contra a ferida da Donna, solo durante um momento. Damon estudou sua cara cuidadosamente, vendo como a pele empalidecia até que cambaleou ligeiramente de debilidade. Sara se inclinou e beijou a bochecha de Donna.

- Estará bem. Não se preocupe pela loja, fechá-la-emos para você.

- Eu vou ao hospital com ela. - Disse Inês, olhando fixamente para os médicos como os desafiando a negar-se. Sustentou a mão da Donna enquanto a levavam fora.

- Sara? - Jonas Harrington estava de pé esperando contra a parede. - Tem permissão para levar uma arma?

- Sabe que sim, Jonas. - Replicou ela. - Viu-o mais de uma vez. Se, está em vigência. E não atirei contra esse homem, embora me sentisse inclinada com a Donna caída e sangrando. E tem meu brinco. Quero-o de volta.

- Devolver-lhe-ei isso. - Jonas se mostrava paciente. - Sei que está cansada, mas necessito que responda a umas perguntas.

- Esse é um dos homens que me seqüestrou. É o que matou a meu assistente. - Explicou Damon. - Os outros dois devem estar em alguma parte do povo. Não deveria ser difícil encontrá-los agora que temos a ele.

- Encontrar-los-ei. - A voz do Jonas era severa. - Sara, virá ao escritório mais tarde e me dará uma declaração completa? Enviei ao suspeito no carro patrulha ao escritório. Em realidade há suficientes prova para sua detenção e os federais vão chegar de todas as partes logo que o notificuemos. Vão querer falar com vós dois, assim será melhor que descanse enquanto possa.

Damon rodeou os ombros do Sarah com seu braço.

- Pode dar um passeio até minha casa, Xerife?

- Claro. Fechemos e saiamos daqui antes que a Sara faltam os joelhos e suas irmãs arrastem as duas sobre brasas ardentes. Nunca as viu em massa indo a por ti. - estremeceu. - É uma visão horripilante, Wilder.

-Você é o único ao qual ocorreu isso até agora. - Assinalou Sara.

9

Damon baixou o olhar até o rosto adormecido de Sara. Estava formosa jazendo ali em meio de sua cama. Tinha estado ali de pé, apoiado contra a parede, desde fazia um momento, simplesmente observando-a. Guardando-a. Parecia bastante tolo e melodramático quando era ela a que tinha a arma e o treinamento, mas o sentia tão necessário como respirar.

De onde tinha chegado semelhante riqueza de sentimentos? Podia um homem apaixonar-se profundamente de uma mulher tão rapidamente? Ela era tudo e mais do que nunca tinha pensado ou sonhado. Como poderia alguém não amar Sara com sua compaixão, tolerância e compressão? Preocupava-se genuinamente pela gente de seu povo. De algum modo essa profunda emoção estava filtrando-se nele.

Podiam havê-la matado. A idéia lhe golpeou com força. Um golpe físico no fundo de seu estômago. Como era possível sentir tanto por uma pessoa quando acabava de conhecê-la? Em toda sua vida logo que tinha advertido às pessoas, e muito menos se preocupou por suas vidas. Do momento em que tinha ouvido seu

nome sussurrado no vento, soube, no mais profundo, onde contava que ela trocava sua vida para sempre.

Seus passeios juntos, todas essas vezes na praia, sussurrando em sua casa, ou na dela, inclusive passar o tempo com a família dela sozinho tinham fortalecido o que sentia.

Sara abriu os olhos e a primeira coisa que viu foi a cara de Damon. Estava apoiado contra a parede mais afastada, simplesmente observando-a. Podia ver sua expressão claramente, desejo nu, misturado com o conhecimento de seu futuro juntos. Suas emoções eram afiadas e cruas e tão reais que lhe provocavam lágrimas. Damon não tinha esperado que gostasse, e muito menos sentir nada por ela.

Estendeu a mão para ele.

- Não fique aí tão sozinho. Eu não estou sozinho e você tampouco.

Ele ouviu o convite na voz e seu corpo começou a inquietar-se de antecipação. Mas ficou ali de pé bebendo dela. Desejando a de tantas formas, não só fisicamente.

- Você não, sabe, Sara. Você nunca esteve sozinho. Você não me necessita como eu necessito a ti. Tem uma família e lhe rodeiam de amor, calidez e apoio. Nunca tinha tomado em consideração o valor da família e o amor. Compartilhar um dia com alguém que te importa vale mais que tudo o ouro do mundo. Não sabia isso antes de te conhecer.

Ela se sentou, lhe estudando com um olhar frio. Avaliando. Gostava do que via. Damon não sabia por que mas podia vê-lo em sua cara.

- Então me alegre, Damon, se te dei um presente semelhante. Minha família é meu tesouro.

Ele assentiu. Como seria despertar cada manhã e ouvir sua voz? Havia sempre uma carícia nessa voz, uma qualidade envolvente que sentia sobre a pele. Profundamente em seu corpo.

- E você é o meu, Sara. Não tinha nem idéia de que era capaz de sentir isto por alguém.

Sara sorriu. O sorriso que parecia reservar para ele. Iluminava sua cara e fazia que seus olhos brilhassem, mas mais ainda, iluminava a ele por dentro lhe fazendo arder com algo indefinível.

- Trouxeste-me vida, Sara. Deu-me minha vida. Existia antes de te conhecer, mas não vivia.

- Se, fazia-o, Damon. É um homem brilhante. As coisas que criou fazem nosso mundo mais seguro. Vejo como se ilumina sua cara quando me fala de outras idéias que tem e suas possibilidades. Isso é viver.

- Não tinha nada mais que minhas idéias. - endireitou-se de repente, afastando-se da parede, caminhando para ela, com confiança em sua cara. - Assim

é como escapei, no interior de meu cérebro e as idéias intermináveis que pude encontrar ali. - Riscou as linhas clássicas da cara dela, de suas maçãs do rosto. Sua boca generosa. - tire a blusa, Sara, quero verte.

Um débil rubor se mostrou nas bochechas da Sara mas suas mãos foram às diminutas pérolas dos botões de sua blusa e lentamente começou a abri-la.

Ao Damon ficou o fôlego entupido na garganta enquanto a observava. Sara não tentava resultar sexy, nunca havia nada afetado nela, mas esta era a coisa mais sexy que tinha visto nunca. As golas da blusa começaram a separar-se, revelando a cremosa exuberância da carne baixo ela. Tinha um corpo de mulher, formado para agradar a um homem com suaves curvas e linhas.

Seus peitos estavam talhados com fina "lingerie" branca. Sara ficou em pé, seu corpo muito perto do dele. Damon sentiu uma quebra de onda o calor crescia, sentiu um relâmpago dançar através de seu corpo. Seu sangue espessou-se e acumulou-se endurecendo quase até o ponto da dor. Abraçou-o, celebrando a intensidade de sua necessidade por ela.

- É tão formosa, Sara. Por dentro e por fora. Ainda não posso acreditar que tenha passado de viver no inferno para viver no paraíso.

Ela se estendeu para ele.

- Não sou assim absolutamente, Damon. Não sou verdadeiramente formosa, nem com um esforço de imaginação. Nem sequer estou perto. E viver comigo não seria o paraíso. Sou tagarela e gosto de me sair com a minha.

Com deliciosa ternura, ele inclinou a cabeça para encontrar sua boca. Durante um momento se perderam o um no outro, transportados fora do tempo pela magia que fluía entre eles. Quando Damon levantou a cabeça para olhá-la, seus olhos eram famintos. Necessitados. Possessivos.

- Para mim é tão formosa, Sara. Nunca te verei de outro modo. E por sorte para ti eu sou teimoso e bastante enganador por mérito próprio. Acredito que são qualidades admiráveis.

- Isso se que é sorte. - Murmurou ela, permitindo que suas pestanas caíssem e sua cabeça se inclinasse para trás quando ele a empurrou mais perto, a boca do Damon respirava ar quente e úmido sobre seu mamilo justo através do encaixe branco. Embalou-lhe a cabeça com as mãos enquanto arqueava o corpo, oferecendo-se tentadoramente, oferecendo o céu.

A boca dele resultou quente e molhada quando se aproximou do peito. O fogo correu através dela, através dele. Sara se entregou ao prazer sensual enquanto a língua riscava e tentava e a boca dele sugava com força justo através do encaixe. Tomou seu tempo, uma preguiçosa e pausada exploração, suas mãos lhe emolduraram o corpo, utilizando as gemas de seus dedos como um homem cego riscaria cada curva. Memorizando-a. Adorando-a.

Sara estava perdida na sensação. Afogando-se nela. Não pôde recordar como lhe arrancava os jeans, ou sequer como abria a cremalheira. Mas seu prendedor de encaixe fazia muito que tinha flutuado até o chão e de algum modo

ele conseguiu lhe baixar os jeans pelos quadris. Em meio de uma neblina de desejo e calor se livrou das últimas peças de roupa.

Ele nunca se apressou, nem sequer quando sua boca se fundiu uma vez mais com a dela e Sara tentava lhe arrancar a camisa dos amplos ombros para poder sentir pele com pele. Ele era paciente e consciencioso, decidido a conhecer seu corpo, a encontrar cada ponto que a fizesse ofegar de desejo. Suas mãos se moviam sobre ela, encontrando as sombras e ocos, riscando suas costelas amorosamente. Permitiu que Sara lhe arrancasse a roupa do corpo, aparentemente sem notá-lo ou preocupar-se com isso, tão completamente apanhado pelas maravilhas de lhe dar agrado. Adorava os pequenos ofegos e suaves gritos que chegavam das profundidades da garganta de Sara.

Sara. Tão responsável e entregue. Deveria ter sabido que seria uma amante generosa, fundindo-se com ele tão completamente, entregando-se a si mesma interminavelmente. Seu caridoso presente só o fazia desejar ser igualmente generoso. Pela primeira vez suas cicatrizes não foram algo que lhe envergonhasse e tivesse que esconder. Quando os dedos delas as riscaram, não houve relutância, nem interrupção de lembranças desagradáveis de tortura e assassinato. Ela apaziguou seu corpo, acariciou sua pele, despertando ainda mais, ansiosa por lhe tocar, lhe desejando com a mesma urgência com que ele a desejava.

Baixou-a lentamente até os lençóis, seguindo-a para baixo, colocando seu corpo sobre o dela. Seu rosto era formosa enquanto o olhava. Beijou-a nos olhos, na ponta do nariz, nas comissuras da boca.

Tocasse onde tocasse deixava chamuscar seu passo. Sara ficou surpreendida pela pura intensidade do fogo. Era tão pausado, tomava seu tempo, mas ela ardia em chamuscas, queimando-se por dentro e por fora, desejosa de sentir seu corpo dentro dela. Ouviu sua própria voz, uma suave súplica de piedade quando seus lábios lhe mordiscaram o umbigo, seguindo mais abaixo. Suas mãos se moviam com segurança, encontrando a parte interna das coxas, o calor úmido que esperava por ele na união de suas pernas.

- Damon. - Logo que pôde respirar seu nome. O fôlego parecia ter abandonado permanentemente seu corpo. Não havia suficiente ar na sala.

Os dedos dele entraram, profundamente em seu interior, uma carícia de sensualidade que a deixou louca. Todo pensamento sensato que alguma vez teve se desvaneceu. Ouviu um rugido em sua cabeça quando sua boca encontrou a dela, reclamando-a, fazendo-a sua. Sara não podia manter os quadris imóveis, retorcia-se até que os braços dele a apanharam, enquanto sua ardente boca a devastava e uma onda atrás de outra de prazer passava através de seu corpo com a força de um oceano ensurdecedor. Enredou os dedos entre seu cabelo, sua única âncora para manter-se unida a terra enquanto seu espírito voava livre, ofegando seu nome.

Damon se moveu então, cobrindo-a completamente, seus quadris colocados contra os dela. Era grosso, duro e palpitante por causa de seu próprio desejo. Empurrou profundamente dentro dela, sua voz rouca quando gritou enquanto o

prazer lhe engolia. Ela era cálida e apertada, um punho de veludo que se fechava a seu redor, aferrando-o com um fogo que nunca tinha conhecido. Sara. Mágica Sara.

Começou a mover-se. Sem apressar-se. Por que apressar sua primeira vez com Sara? Queria que o momento durasse para sempre. Estar sempre juntos. Adorava observar seu rosto enquanto se movia dentro dela. Enquanto seu corpo se afundava profundamente em seu santuário secreto de calor e alegria. Os quadris dela se elevaram para unir-se a ele, igualando seu ritmo, inclinando-se para tomar mais e mais profundamente com cada estocada, desejando cada centímetro dele. Desejando sua posse tanto como ele a desejava.

O fogo só aumentava. Ele se manteve completamente controlado durante um momento, seguro, celebrando-o, e depois o prazer foi quase demais para poder suportá-lo, lhe golpeando com a força de um trem de mercadorias, começando na ponta dos pés e propagando-se até sua cabeça. Sua voz se ergueu com a dela, fundidas e em perfeita união.

Pôde sentir as sacudidas finais nela, apertando-se a seu redor, atraindo-o mais perto. Jaziam juntos, sem atrever-se a mover, seus corações selvagens e seus pulmões famintos de ar, os braços enredados com força ao redor um do outro. A brisa do oceano era gentil na janela, sussurrando sons consoladores enquanto o mar lhes cantava com ondas ondeantes.

Damon encontrou paz. Ela estendida entre seus braços, ocasionalmente elevando-o suficiente para lhe beijar o peito, sua língua riscando uma cicatriz. Cada vez que o fazia, seu corpo se esticava em resposta e ela respondia com outro estremecimento. Estavam fundidos tão completamente, tão firmemente unidos que não podia dizer onde começava ele ou terminava ela.

- Fica comigo o resto do dia, Sara. Toda a noite. Podemos fazer o que quiser. Só fica comigo. - elevou-se sobre os cotovelos para liberar a da maior parte de seu peso. Queria permanecer unido, um corpo, compartilhando a mesma pele, absorvendo-a.

Ela elevou a mão para lhe riscar as linhas da cara.

- Não posso pensar em nenhum outro lugar onde queria estar ou nenhuma outra pessoa com quem passar o tempo.

- Pergunta por que me escolheu? Deixei de me fazer essa pergunta e só o aceito. Estou agradecido, Sara.

- Você olha e simplesmente sei. Quem pode dizer por que um coração pertence a outro? Eu tampouco me faço essa pergunta, Damon. Só agradeço que portão se abra para você. - riu com repentina diversão. - Pensei que poderia estar me seduzindo para tentar conseguir o segredo do verniz.

Ele enredou seus dedos com os dela, lhe estendendo os braços sobre a cabeça.

- Parece uma boa idéia. Possivelmente um dia destes serei capaz de falar enquanto fazemos amor e poderei tentar te arrancar o segredo.

- Bom plano; poderia funcionar, também, se eu pudesse falar enquanto me ama. - Ofegou quando ele baixou a cabeça até seu peito. - Damon. - Seu corpo estava hipersensível, mas se arqueou sob o calor de sua boca.

- Sinto muito, parece tão tentadora, não posso me conter. O que te parece se fica simplesmente deitada aqui sem nada de roupa enquanto eu acendo o fogo e cozinho algo para comermos? Não suportarei que você volte a pôr a roupa. - Seus dentes raspavam para trás e adiante sobre o peito. A língua umedeceu um mamilo.

O corpo inteiro de Sara se apertou, cada músculo se esticou.

- Só quer que fique aqui tendida esperando por ti?

- Esperando ansiosa por mim. - Corrigiu ele. - Que me precisasse seria bom. Não me importaria que ficasse aqui em minha cama pensando em meu corpo enterrado no teu.

- Já vejo. Eu acredito que seria melhor se te seguisse, olhasse-te, te tocando enquanto trabalha. Inspirando-te. Tenho minhas formas, já sabe, de te inspirar.

Havia uma nota malvada em sua voz que fez que todo o corpo do Damon fora consciente do receptivo e preparado que estava. Ao momento estava uma vez mais duro como uma rocha, inchado de desejo. Observou os olhos de ela abrir-se de par em par com agradada surpresa. O desejo se estendeu através de ambos, pura sorte.

- Nunca me hei sentido assim com nenhuma outra mulher, Sara. Sei que não é possível. Acredito que realmente poderia caminhar sobre a água.

- Para ser um homem que passa um montão de tempo em um laboratório, sabe muito sobre mulheres. - Assinalou ela. Ele se movia com essa deliciosa lentidão que utilizava para levá-la diretamente mais à frente do limite. A fricção sobre seu corpo já sensível a voltava do reverso. Não importava quantas vezes transbordasse o limite, Damon se movia quase com perfeita sincronia, sabendo perfeitamente o que ela necessitava. O que desejava.

- Posso ler sua cara e seu corpo. - Disse ele. - Adoro isso, Sara. Não rechaces nada de mim.

- Por que deveria? - por que quereria fazê-lo quando as recompensas eram tão grandes? Se Damon era o homem que o destino insistia que seria o amor de sua vida, seu melhor amigo e companheiro, estava disposta a aceitar algo que ele tivesse para dar.

Sara adorava o som de sua voz, a forma inteligente e pensada com que atacava cada tema. E adorava sua completa honestidade. Encontrava essa mesma pura honestidade em sua forma de fazer o amor. Entregava-se a si mesmo a ela, inclusive enquanto a tomava ela para si. Sentia sua posse profundamente na alma, calcificada em seus mesmos ossos.

Essa paciente minuciosidade e depois, quando estava completamente excitado, seu corpo se converteu em uma força motriz, cada estocada dura, rápida e insistente, levando-os a ambos a voar no alto sobre o mar, livre... caindo através do tempo e o espaço até que nenhum dos dois pôde voltar a mover-se.

Damon a sustentou entre seus braços, aconchegado junto a ela, não desejando terminar com esta cercania entre eles. Ambos estavam completamente saciados no momento, exaustos, respirando com esforço, embora ao mesmo tempo sentissem essa mesma sensação de paz absoluta.

- Sara. - Sussurrou seu nome, um tributo mais que outra coisa.

- Todas essas coisas que sente por mim. - Disse ela, aconchegando se mais perto dele. - Eu as sinto por ti. Não desejo a ninguém mais em minha vida ao igual a você. Algumas vezes me canso de dar tanto de mim mesma às pessoas, mas não posso me conter. Então procuro lugares onde estar a salvo, lugares onde estou sozinha e posso esconder-me em um buraco de desaparecer um momento.

- Agora me tem. Serei seu santuário, Sara. Não me importa correr a interferir quando precisar te recompor. - Sorriu contra as têmeoras dela. - Nunca tive problemas com isso dar ordens. Sempre tive dificuldades para me comunicar com a gente. Nunca entendiam do que estava falando e isso me voltava louco. Algumas vezes quando tem uma idéia e a vê tão clara e sabe que tem razão, simplesmente tem que compartilhá-la com outros. Mas nunca havia ninguém aí.

Sara lhe beijou a ponta dos dedos.

- Pode me contar qualquer idéia que te venha à cabeça, Damon. Admiro-te. - Seu sorriso estava em sua voz. - E eu sou muito boa no que a comunicação se refere assim nunca terá que preocupar-se por isso.

- Notei-o. - Disse ele. - Falando de comunicação, assegurei-me que as cortinas não possam abrir-se... uni-as com alfinetes só no caso de alguma de suas irmãs decidia subir às ameias para olhar pelo telescópio.

Sara riu justo como ele sabia o que faria.

- Sabem que estou contigo. Não invadiriam nossa privacidade quando realmente estamos fazendo o amor. Simplesmente adoram tomar o cabelo. Terá que suportar muito disso manhã.

A Damon não importava absolutamente. Apertou os braços ao redor dela e se deu conta de que esperava com ilusão algo que as irmãs queriam lhe preparar.

10

- De acordo, alguém tem lido realmente essa profecia? - Exigiu Kate enquanto caminhavam pela calçada para a casa de Irene. A névoa era espessa e pesada, caindo sobre o mar e a maior parte do povo como uma manta. - Porque não são boas notícias para o resto de nós.

- Eu não gosto como isso soa. - Disse Hannah. - Possivelmente não deveríamos perguntar. A ignorância pode nos manter a salvo?

- Que profecia? - Perguntou Damon curioso. Tinham passado a manhã juntos do café da manhã, tinham estado burlando-se dele implacavelmente, fazendo que Sara se ruborizasse e escondesse a cara contra seu peito. Havia-se sentido como antecipava... parte de uma família... e a sensação não tinha preço.

Sara riu com malévolo deleite.

- Todas pensaram que era tão divertido quando me estava ocorrendo, mas eu me tenho lido isso toda. Sei o que lhes espera ao resto. Uma por uma cairão como fichas de dominó.

Abbey lhe fez uma careta.

- Não todas, Sara. Eu não acredito no destino.

As outras garotas estalaram em risadas. Sara deslizou sua mão na do Damon.

- A profecia é essa horrível maldição que ficou sobre as sete irmãs. Bom, nós acreditamos que foi uma maldição. Não estou segura agora que te conheci.

As sobranceiras dele se arquearam.

- Agora se que sinto curiosidade. Eu estou envolto nessa profecia de algum modo?

As quatro mulheres riram de novo. O som fez que as cabeças se voltassem para o largo e alto da rua.

- Você é a profecia, Damon. - Disse Kate. - A grade se abriu para ti.

Sara lhe fez uma pequena sinopse da entrevista:

- Sete irmãs entrelaçadas, controlando os elementos da terra, o mar, e o ar, não podem controlar o destino de que fogem. Uma por uma, da maior à última, o destino as encontrará. Quando a grade fechada se abra em bem-vinda, a primeira encontrará o amor verdadeiro. Há muito mais, mas basicamente isso é o que diz uma por uma o resto das irmãs deverão casar-se.

As três irmãs da Sara resmungaram, grunhiram e sacudiram as cabeças. Damon estalou em gargalhadas.

- Tem que te casar comigo, verdade? Estive-me perguntando como me ia arrumar isso para te reter, mas não tem eleição. Eu gosto dessa profecia. Diz algo sobre esperar fazendo equilíbrios sobre uma mão e um pé?

- Absolutamente não. - Replicou Sara e olhou a suas três irmãs que riam. - Esperem a ver... vocês três, inclusive você, Abbey, ides ver-me rir para mim. - Apertou os dedos ao redor da mão do Damon. - Todas fizeram um pacto quando fomos meninas para manter a grade fechada e nunca correr o risco e assim poder ser independentes e livres. A todas gostou sempre nossa vida juntas... a pobre Elle... a idéia de ter sete filhas é bastante aterradora.

- Graças a Deus Elle fica com todas as meninas. - Disse Abbey. - Eu vou ter um, e só porque se não o fizer o resto de vocês me voltarão louca.

- Por que Ellen tem que ter sete filhas? - Perguntou Damon.

- A sétima filha sempre tem sete filhas. - Explicou Kate. - foi assim durante gerações. Estive lendo a história da família Drake e o encontrei durante anos, em todas as gerações, ao menos temos um legado de matrimônios felizes. - Sorriu ao Damon. - até agora não vi nada que indicasse que terei que esperar o homem sobre uma mão e um pé mas seguirei procurando.

- Enquanto está nisso, poderia jogar um olho procurando a tradicional obrigação de obedecer o marido? - Perguntou Damon. - Sempre pensei que essa

palavra era crucial na cerimônia de matrimônio. Sem ela, um homem não tem a mais mínima oportunidade.

- Segue sonhando. - Disse Sara. - Isso nunca ocorrerá. O inconveniente de que tenha estado encerrado em um laboratório mau ventilado toda sua vida se está fazendo evidente. A desilusão chega cedo ou tarde.

Passavam ante uma casa pequena e acolhedora com um grande pátio dianteiro rodeado pela proverbial cerca branca. Um casal maior trabalhava em uma fonte em meio de um leito de flores. Sara se deteve de repente, voltando atrás para olhar para a casa e o casal. Uma sombra reptava pelo telhado. Um indício de algo visível, depois se perdeu na névoa.

- Só será um minuto. - Saudou o casal maior e ambos ficaram em pé imediatamente e foram para a cerca.

As irmãs de Sara se olharam as umas às outras ansiosamente. Damon seguiu a Sara.

- Não é necessário falar com cada habitante do povo. - Aconselhou à costas de Sara. Ela ignorou seu bom julgamento e empreendeu uma conversação com o casal de todos os modos. Damon suspirou. Tinha o pressentimento de que ia seguir a Sara falando com todos os que conheciam durante o resto de sua vida.

- Sara, ouvi que havia tornado. Vai tudo bem? Não te vi desde, quanto faz? Dois anos? - A anciã falava enquanto saudava as irmãs.

- Senhora Darden, estava admirando seu pátio. Remodelaram a casa recentemente?

Os Darden se olharam o um ao outro e depois outra vez a Sara. O senhor Darden se esclareceu garganta.

- Sim, Sara o salão e a cozinha. Chegou-nos um pouco de dinheiro e sempre quisemos arrumar a casa. É exatamente o que queremos fazer agora.

- Isso é maravilhoso. - esfregou-se a nuca e levantou o olhar para o teto. - Vi que tiraram telhas. Estão colocando um teto novo?

- Tivemos goteiras este inverno, Sara. - Disse o senhor Darden. - Perdemos uma árvore faz uns meses e um ramo golpeou a casa. Temos problemas após.

- Parece que está fazendo o trabalho você mesmo. - Observou Sara e se esfregou a nuca pela segunda vez.

Damon estendeu a mão para lhe massagear o pescoço com dedos gentis. A tremenda tensão que sentiu em seu pescoço e ombros lhe manteve em silêncio. Assombrado.

- Escutei que Lance faz uns tetos maravilhosos, senhor Darden. É rápido e garante seu trabalho. Não deveria estar subindo pelo teto, esbanjando seu tempo quando poderia estar trabalhando no jardim. - Voltou a cabeça ligeiramente para olhar o Damon. - O senhor Darden é famoso por seu jardim e suas flores. É premiado cada ano na feira com seus híbridos.

Damon podia ver a sombra nos olhos dela. Sorriu-lhe, inclinando-se para frente para roçar um beijo gentil em seu cocuruto quando ela se voltou outra vez para os Darden.

- Provavelmente Lance necessita o trabalho e lhe estará fazendo um favor.

A senhora Darden atirou da mão de seu marido.

- Obrigado, Sara, é um bom conselho e o seguiremos. Estive-me preocupando porque Clyde estivesse subido a esse teto mas... - Sua voz se desvaneceu.

- Acredito que tem razão, Sara. - Esteve de acordo o senhor Darden de repente. - Acredito que chamarei Lance em seguida.

Sara se encolheu de ombros com estudada despreocupação mas Damon sentiu que seus ombros se aliviavam.

- Não posso esperar à feira deste ano para ver suas preciosas contribuições. Em realidade queria que conhecessem o Damon Wilder, um amigo. Comprou a velha casa Hanover. - Sorriu docemente a Damon para lhe incluir. - Sei que estão vocês com freqüência no jardim e trabalhando em seu precioso pátio... notaram a algum desconhecido pelos arredores que estivesse fazendo perguntas ou lhes fizesse sentir incômodos?

Os Darden se olharam o um ao outro.

- Não, Sara, não posso dizer que os visse. - Respondeu a senhora Darden. - mas estávamos estritamente ocupados em nossos assuntos. Já sabe que eu sempre acreditei em me manter longe dos assuntos de meus vizinhos.

- É só que como trabalham fora pensei que poderiam manter um olho aberto por mim e me chamar se algo lhes parecer suspeito. - Disse Sara.

- Pode contar conosco, Sara. - Disse o senhor Darden. - Acabo de comprar um par de binóculos e sentado em meu alpendre dianteiro tenho uma boa vista de toda a rua!

- Obrigado, senhor Darden. - Disse Sara. - Isso seria maravilhoso. Nós vamos agora de caminho a visitar a Irene e Drew.

O sorriso empalideceu na cara da senhora Darden.

- Oh, é tão triste, Sara, espero que possa lhes ajudar. Quando volta Libby a casa? Ela seria de grande ajuda. O que está fazendo estes dias?

- Libby está em outro continente agora mesmo, senhora Darden. - Disse Sara. - Está bem. Esperamos que possa voltar para casa logo. Dir-lhe-ei que perguntou por ela.

- Ouvimos as terríveis notícias sobre a Donna. - Continuou a senhora Darden. - Estão esses desconhecidos implicados em seu ataque? Ouvi que disparou a um deles. Não posso acreditar na violência como uma norma, Sara bom já sabe isso, mas espero que lhe fizesse suficiente dano como para que o pense duas vezes antes de voltar a atacar a outra mulher.

- Donna estará bem. - Tranqüilizou-a Sara. - e não lhe disparei.

A senhora Darden aplaudiu o ombro de Sara.

- Está bem querida, entendo-o.

Sara se voltou afastando-se com uma saudação alegre. As irmãs romperam a rir a gargalhadas. Damon sacudiu a cabeça incrédulamente.

- Acredita que disparou a esse homem. Inclusive agora, contigo negando-o, acredita que lhe disparou.

- Certo. - Sara lhe paralisou com um olhar acerado. - Também acredita que alguém me viu caminhar sobre as águas. Agora quem poderia ter começado esse rumor?

Hannah atirou da manga do Damon de forma zombadora, todo um gesto de afeto vindo dela.

- Esse foi bom, Damon, Oxalá me tivesse ocorrido.

Kate jogou a cabeça para trás e riu sua selvagem juba soprada pela ligeira brisa.

- Esse não tem preço. E deveria ouvir o que dizem de ti. O rumor é que é algum famoso mago que esteve ensinando a Sara.

- Agora a sério. - Objetou Sara. - ao menos poderiam haver dito que *ele* estava aprendendo de mim. Maldito chauvinismo ainda levanta sua feia cabeça neste século.

Damon poderia sentir um brilho que se propagava. Sentia-se parte de sua família. Seu lugar estava com elas, em meio de suas risadas e sua camaradagem. Não se sentia um estranho que olhasse do exterior, como tinha passado a maior parte de sua vida. As irmãs de Sara pareciam lhe aceitar bem dispostas em suas vidas e inclusive em seus corações. A tolerância e a aceitação pareciam ser uma grande parte na família de Sara. De repente lhe ocorreu, inclusive com uma ameaça pendurado sobre sua cabeça, que tinha passado menos tempo pensando no trauma passado e mais no presente e o futuro do que tinha feito em meses.

- Acredito que eu gosto de ser considerado um mago. - Filosofou Damon.

- Sara diz que é um cérebro. - Kate ondeou uma mão saudando para o Jonas Harrington quando se cruzou com eles em seu carro patrulha.

- O que está fazendo? - Vaiou Hannah, descendo de uma palmada a mão do Kate. - Não seja agradável com esse idiota. Deveríamos lhe fazer conduzir até uma sarjeta ou um pouco parecido.

- Não te atreva. - Disse Sara a sua irmã severamente. - Digo-o a sério, Hannah, não pode utilizar nossos dons para a vingança. Solo para o bem. Especialmente agora.

- Seria para o bem. - Assinalou Hannah. - Isso ensinaria a esse homem horrível algumas maneiras. Não lhe olhe. E Damon, deixa de lhe sorrir. Não queremos que se pare a conversar. - Deixou escapar um grunhido de desgosto do fundo da garganta quando o carro patrulha estacionou junto à calçada diante deles. - Vêem o que têm feito? - Lançou as mãos ao ar quando Harrington saiu do carro. Uma súbita rajada de vento lhe tirou ao xerife o chapéu da cabeça e o enviou voando erraticamente pela sarjeta.

- Muito divertido, Boneca. - Disse Harrington. - Tem que te pavonear, verdade? Suponho que essa cara bonita não é suficiente para chamar a atenção.

Kate e Sara puseram ambas umas mãos inibidoras sobre o braço da Hannah. Sara se colocou ligeiramente entre o xerife e sua irmã.

- Tiraste-lhe algo a seu prisioneiro, Jonas? - Sua voz foi cuidadosamente amável.

Jonas continuou atravessando a Hannah com seu frio olhar de gelo.

- Não muito, Sara, e ainda não localizamos os outros dois homens que diz estavam em casa do Wilder a outra noite. Podia me haver chamado em vez de te encarregar por sua conta.

Hannah se removeu como se queria protestar. Damon pôde ver o pequeno tremor que correu atravessando seu corpo mas suas irmãs a rodearam protetoramente aproximando-se da Hannah e ela ficou quieta.

- Se, a próxima vez, Jonas, farei-o: deixar a três homens armados e treinados na janela, espiando a casa, enquanto vou procurar um telefone e te chamo. Demônios, esses telefones móveis simplesmente não parecem funcionar na costa a maior parte do tempo, verdade? - Sara sorriu diretamente através de seu sarcasmo. - A próxima vez conduzirá até um lugar alto e te farei uma chamada antes de me ocupar por minha conta.

O olhar do Jonas não abandonou a cara da Hannah.

- Fá-lo, Sara. - ficaram os punhos nos quadris. - Algum de vós considerou que poderiam ter matado a Sara? Ou como me sentiria eu se encontrasse seu corpo sem vida? Ou se tivesse que ir a sua casa a lhes contar que estava morta? Porque eu pensei nisso um montão a outra noite.

- Eu pensei nisso. - Disse Damon. - Ao menos no de que Sara poderia ter morrido por minha culpa. - Estendeu a mão para colocar seus dedos possessivamente ao redor da nuca dela. - Assustou a morte.

Kate e Abbey intercambiaram olhadas com a Hannah.

- Eu não pensei nisso. - Admitiu Kate. - Nem uma vez.

- Muito obrigado, Jonas. - Disse Sara. - Agora todos vão estar me voltando louca, querendo que troque de profissão. Sou uma perita em segurança.

- Poderia ser modelo, mas acredito que isso seria ir muito longe, Sara. - Replicou Jonas. - Uma bibliotecária me soa bem.

Hannah apertou os dentes mas permaneceu em silêncio. O vento soprou atravessando a rua, lançando o chapéu do xerife para uma boca de tormenta. Aterrissou em um escuro atoleiro de água e desapareceu da vista.

Harrington amaldiçoou em voz baixa e caminhou de volta a seu carro, com os ombros tensos de raiva.

- Hannah. - Arreganhou Kate gentilmente. - Isso não foi muito amável.

- Eu não o fiz. - Protestou Hannah. - Eu teria derrubado o carvalho mas lhe teria levado baixo ele primeiro.

Abbey e Kate olharam para Sara. Ela simplesmente arqueou uma sobrancelha.

- Acredito que Irene e Drew estão esperando.

Damon estalou em gargalhadas.

- Posso ver que terei que te vigiar todo o tempo.

Por que parecia perfeitamente normal que as irmãs Drake pudessem dar ordens ao vento? Inclusive Harrington o aceitava como um fenômeno normal.

Detiveram-se diante da casa do Irene. Damon pôde ver que todas as mulheres quadravam os ombros como se fossem à batalha.

- Sara, o que acredita que podem fazer pelo Drew? Certamente não podem curar o que tem.

A pena se arrastou até os olhos dela.

- Não, desejaria ter esse dom. Libby é quase a única realmente que tem o dom de curar. Vi-a obrar milagres. Mas a esgota e nós não gostamos que o faça. Sempre há um preço, Damon, quando utiliza um dom.

- Assim não ides conjurar feitiços com sapos e fígados de dragão? - Falava médio a sério. Podia conjurar facilmente a visão de todas elas montadas sobre vassouras, voando pelo céu noturno.

- Bom... - Abbey deixou cair à palavra, olhando ardeiramente de uma irmã a outra. - Podemos e o fazemos quando a situação o requer. As Drake se deixaram as umas às outras receitas e feitiços durante centenas de anos. Preferimos utilizar nosso poder interior, mas conjurar entra nas normas.

- Você nunca me deixa. - Grunhiu Hannah.

- Não, e nós não vamos fazer o tampouco. - Disse Sara firmemente. - Em realidade, Damon, para responder a sua pergunta, esperamos avaliar a situação e possivelmente conseguir para o Drew um pouco mais de tempo. Se sua qualidade de vida é realmente má, preferiremos não interferir. Do que serviria alargar sua dor? Nesse caso, aliviaremos seu sofrimento o melhor que possamos e deixaremos o resto à natureza.

- Irene acredita que podem lhe curar? - Perguntou Damon, súbitamente preocupado. Compreendia a terrível responsabilidade que tinham as Drake. A gente do povo estava acostumada a suas excentricidades e acreditavam que podiam obrar milagres.

- Quer acreditá-lo. Se Libby e minhas outras irmãs estivessem aqui, todas juntas poderíamos ser realmente de alguma ajuda, mas assim o mais que podemos fazer é demorar as coisas para comprar um pouco de tempo. Averiguaremos o que quer Drew. Terá que distrair a Irene por nós. Leve-lhe isso à cozinha e que nos faça limonada e algumas de suas famosas bolachas. Estará ansiosa, Damon, que terá que te esforçar realmente. Necessitamos tempo com o Drew.

O olhar dele se entrefechou enquanto estudava a cara séria de Sara.

- E o que tem que ti e suas irmãs? Ides-lhes pôr doentes como você a última vez?

- Só se trabalharmos nele. - Disse Sara. - Então não sei como nos levarão a todas a casa. Terá que pedir a Irene que nos leve de volta em carro.

- Deveríamos ter pensado em trazer o carro. - Adicionou Kate. - Pensam que é um mau presságio? Possivelmente não haja nada que possamos fazer.

- Não pense assim, Kate. - Repreendeu-a Abbey. - Todas nós adoramos caminhar e é divertido estar juntas. Podemos fazer isto. Se tivermos sorte

poderemos conseguir a Drew tempo suficiente como para que resista até que Libby volte para casa.

- Libby vem de volta? - Perguntou Damon.

- Não sei Damon. - Disse Hannah, com as sobrancelhas arqueadas. - Isso mas bem depende agora de ti, verdade?

- Por que de mim?

- Acreditava que havia dito que era um dos homens mais inteligentes do planeta. - Seu burlou Kate. - Não desenhou algum sistema de defesa de alto secreto?

Damon olhou fixamente às mulheres, a Sara.

- Se o tivesse feito e fora alto secreto, ninguém saberia, não é assim?

Hannah riu.

- Não te zangue, Damon, Sara não nos contou isso. Compartilhamos conhecimentos, uma espécie de piscina coletiva. Não posso te dizer como funciona só que todas a temos. Ela nunca nos teria proporcionado esse tipo de informação, nem sequer a nós. Só ocorre. Nenhuma de nós diria nada, bom. - Rodeou a sebe. - Exceto para nos burlar de ti.

- Então, por que depende de mim que Libby volte ou não a casa?

- Voltará para casa se houver umas bodas. - Assinalou Kate com um amplo sorriso.

11

Damon olhou a seu redor às quatro caras pálidas. Cada uma das irmãs Drake estava tendida sobre uma poltrona ou derrubada sobre uma cadeira, com o cansaço escrito nas linhas de sua cara. Por um momento se sentiu indefeso em meio de sua debilidade, sem saber o que fazer por elas. Sentaram-se no carro de Irene, sem falar, com caras brancas e corpos trementes. Apenas as tinha podido arrumar para as ajudar a entrar na casa do esculpado.

O telefone soou, o ruído ressonou na completa quietude da casa. As mulheres não se moveram ou se voltaram para o som assim Damon agarrou o receptor.

- Sim?

Houve uma larga pausa.

- Você deve ser Damon. - A voz era como uma carícia de veludo. - O que lhes passa? Posso as sentir daqui. - A voz não dizia onde era "aqui".

- É uma irmã?
- É obvio. - Agora impaciência. - Elle. O que lhes passa?
- Foram a casa da Irene a ver o Drew. - Damon pôde ouvir puro alívio no pequeno suspiro do outro lado da linha.
- lhes faça um chá doce. Há uma lata na despensa justo sobre a estufa, marcada como MÁGICO.
- Damon levou o telefone com ele à cozinha.
- Joga um par de colherinhas do pó no bule e deixa que o chá ferva. Isso ajudará. A casa está esquentada? Se não, esquenta-a: acende um fogo e utiliza o fogão, leve o tempo que leve. Quando são as bodas?
- Logo que você e suas irmãs voltem para casa? - Perguntou Damon.
- Sabe que deveria estar zangada contigo. Não esse queimador, utiliza o de atrás. Essa é a lata correta.
- Não vejo que diferença há entre um queimador ou outro, mas vale e por que deveria estar molesta comigo? - Nem sequer se perguntou como sabia ela o que estava fazendo ou que queimador estava utilizando. Tomou como algo corrente.
- É obvio estou concentrada nisso, no queimador quero dizer. Para estar molesta, acredito que começaste algo sobre o que não temos controle. Não tenho intenção de encontrar a um homem no momento. Tenho coisas que fazer em minha vida e um homem não encaixa nela, muito obrigado. O bule está na gaveta da esquerda da pia. - Falava como se pudesse lhe ver provar as gavetas em busca do pequeno bule para servir o chá.
- A casa se sacudiu. Tranqüilidade. Um estremecimento de alarme percorreu ao Damon.
- O que foi isso? - Elle soava ansiosa de novo.
- Possivelmente um terremoto. Um menor. Tenho a lata, o bule está listo com o pó, duas colheradas disto? Cheiraste-o ultimamente? - Damon se sentiu tentado a prová-lo. - Não é fígado de dragão, verdade?
- Elle riu.
- Isso o reservamos para o Harrington. Quando se deixa cair por aí o pomos no café.
- Realmente sinto pena por esse homem. - Para seu assombro o bule chiou ruidosamente quase imediatamente. Verteu a água no pequeno bule e lhe atirou em cima um pano para acrescentar calor. - De verdade vais ter sete filhas? - Perguntou curioso, surpreso de que alguém pudesse sequer considerar a idéia. Assombrava-lhe estar falando tão comodamente com uma perfeita desconhecida.
- A casa se sacudiu uma segunda vez. Um ramo arranhou a parede exterior com um som estranho. O vento gemeu e sacudiu as janelas.
- Assim o diz a profecia. - Replicou Elle com um pequeno suspiro de resignação. - Damon, algo mais vai mal por aí?
- Não, só estão muito cansadas. - Damon verteu o chá em quatro taças e as colocou sobre uma bandeja. - E a casa segue sacudindo-se.

- Pendura e chama o escritório do xerife. - Disse Elle com urgência. - Faz-o já.

Ele captou o repentino alarme em sua voz e um calafrio desceu por seu espinho dorsal. Ao diabo todas elas com suas tolices psíquicas. Em realidade nada ia mau, verdade?

Os cães ladravam com cruel desafio. Os animais estavam no pátio dianteiro, dentro da cerca, mas estavam lançando seus corpos contra a porta dianteira com tanta força que a madeira ameaçava estilhaçando-se. Damon fez o que Elle ordenava e telefonou ao escritório do xerife pedindo ajuda.

Ninguém gritou. A maioria das mulheres poderiam ter gritado nessas circunstâncias mas nenhuma delas o fez. Quando levou a bandeja ao comilão, as quatro irmãs Drake estavam tranqüilamente sentadas em suas cadeiras. Ele ignorou aos dois homens de pé em meio da habitação apontando com armas. Onde antes, tivesse cedido ao pânico, esta vez permaneceu bastante calmo.

Sabia que eram assassinos. Sabia que esperar. E esta vez, sabia que não permitiria que fizessem mal às irmãs Drake. Era muito simples para ele. Não lhe importava morrer, necessitava que as mulheres sobrevivessem e vivessem no mundo. Eram as únicas que importava, tudo o que importava. As mulheres seguiriam vivas. Damon colocou a bandeja de café na mesa e ofereceu a cada uma das irmãs uma taça de chá antes de voltar-se para enfrentar aos dois homens. Recordava-os com vívido detalhe. O homem da mandíbula machucada tinha desfrutado lhe torturando. Damon se alegrou de lhe haver golpeado com a fortificação o suficientemente forte para lhe romper a mandíbula.

Damon se ergueu lentamente. Estes homens tinham assassinado para averiguar o que Damon levava no cérebro. Tinham-lhe aleijado para sempre e trocado toda sua vida. Agora irrompiam na casa de Sara, pura blasfêmia por sua parte. Tinham entrado através das portas trilhos de cristal e as tinham deixado abertas atrás deles.

Fora, o mar parecia tranqüilo, mas ele podia ver, na distância, pequenas ondas espumosas que se acumulavam e ondeavam com uma força crescente em mar aberto. Sentiu o poder movendo-se nele, uma conexão com as mulheres através da Sara. Amada, misteriosa Sara. Esperou enquanto as mulheres sorviam o chá fazendo tempo, sabendo exatamente que faria.

- Vós dois parece que seguem aparecendo. - Saudou finalmente Damon. Deu dois passos a sua direita, mais perto de Sara, voltando-se ligeiramente de lado para que ela pudesse ver a pequena arma que tinha pegado da gaveta escondida onde Elle lhe havia dito que a encontraria. - Não têm casa e família com a que voltar?

- Te cale, Wilder. Sabe o que queremos. Esta vez temos a alguém que te importa. Quando puser a arma contra sua cabeça acredito que me contará o que quero saber.

Damon olhou mais à frente do homem ao mar ondulante. O vento encrespado, picado na superfície com branca espuma. As ondas cresciam mais

altas. Os cães continuavam lavrando com fúria e sacudindo as dobradiças da porta do salão. Damon se passou os dedos pelo cabelo tranqüilamente, seu olhar fixo em um ponto distante além dos homens. As irmãs beberam o liche revitalizem chá doce e quente. E o poder percorria a Damon com mais força que nunca. Ao redor de ambos os homens se movia uma sombra ondulando para frente e atrás. Um círculo negro que parecia rodear primeiro a um, depois ao outro. Às vezes a sombra parecia ter forma humana. A maior parte do tempo era insubstancial.

- Querem uma taça de chá? - Perguntou Sara cortesmente. - Temos suficiente.

- Sentem-se. - Convidou Kate. Trocou de posição, um súbito movimento apenas notável, mas que pôs seu corpo ligeiramente entre as armas e Hannah.

- Esta pistola é autêntica. - Cuspiu o homem da mandíbula machucada. - Isto não é uma festa. - Sorriu maliciosamente para seu companheiro. - Embora quando acabarmos podemos nos levar a uma ou duas das mulheres conosco à estrada.

Sara parecia aborrecida.

- É muito óbvio que nenhum dos dois é o cérebro desta aventura. Não posso imaginar que esse homem do cárcere o seja tampouco. Quem demônios contrataria a semelhantes palhaços para averiguar segredos de estado? É quase ridículo. Estão em problemas com seu chefe e está a ponto de lhes despedir?

- Tem uma boca pequena, senhora, não será tão difícil fechar-lhe.

- Querem um pouco de chá? Ao menos podemos ser civilizados. - Disse Abbey docemente. Havia uma estranha cadência em sua voz, uma qualidade cantarina que empurrava aos ouvintes, lhes arrastando a sua sugestão. - Se forem ficar conosco um momento, bem podemos desfrutar de uma boa taça de primeiro chá e conhecê-los uns aos outros.

O ar da habitação era fresco, quase perfumado, embora cheirasse a mar, crispado e salgado. Os dois homens pareceram confusos, piscaram rapidamente, e intercambiou um cenho franzido bastante desconcertado. O homem da mandíbula machucada baixou a arma e deu um passo para a bandeja com o pequeno bule.

Hannah levantou os braços até o respaldo da poltrona, um movimento grácil e elegante. O vento se levantou com um chiado, irrompendo na habitação com a força de um trem de mercadorias. Os dois homens se cambalearam sob o assalto, o vento lhes rasgou a roupa. O trinco da porta estalou sob o peso dos cães. Os animais saltaram ao interior, com os dentes nus. Damon piscou enquanto a sombra escondida saltava sobre as costas de um dos homens e ficava ali.

Sara já estava em movimento, lançando-se por volta dos dois homens, agachando-se para golpear o primeiro homem com uma patada de tesoura, rodando para liche derrubar. Ele caiu sobre seu companheiro, liche atirando e fazendo que sua cabeça golpeasse contra a base de uma cadeira. Sara agarrou a arma que Damon liche atirou.

O homem da mandíbula machucada ficou em pé, atirando a cadeira enquanto tirava uma segunda arma. Damon tentou uma patada com sua perna boa. Sara disparou três vezes, as balas lançaram o homem para trás e longe do Damon. Tranqüilamente ela pressionou o canhão ardente contra a têmpera do intruso que estava no chão.

- Sugiro-lhe que não se mova. - Mas seguia olhando ao homem ao que tinha disparado, observando como Hannah e Abby tentavam lhe reviver. Observando a escura sombra que se afastava, arrastando com ela um pouco pesado. Sabendo que suas irmãs não podiam desfazer o que ela tinha feito. Sara se limpou a frente com a palma da mão e piscou para conter as lágrimas.

Kate recolheu as armas. Abbey conteve aos cães simplesmente colocando uma mão tranqüilizadora sobre suas cabeças.

- Sinto muito, Sara. - Disse Damon.

- Foi necessário. - sentia-se doente. Não importava que esse homem tivesse tido intenção de matá-los a todos, ou que a Morte tivesse ficado satisfeita. Tinha tomado uma vida.

O vento atravessou de novo a habitação, uma suave brisa esta vez, trazendo uma música. Tocando a Sara. Olhou a suas irmãs e sorriu cansada.

- Hannah, a cavalaria está chegando. Deixe-lhes entrar e não faça nada que lamentará.

Hannah pôs os olhos em branco, cruzando a habitação em correria, lançando uma patada frustrada à tibia do homem que Sara sujeitava.

- Muito obrigado, tenho que ver essa mofeta gigante duas vezes em um dia. Isso é mais do que qualquer dama deveria ter que suportar.

Abigail se inclinou com a cara ao nível da do prisioneiro de Sara.

- Em realidade gostaria de me contar para quem está trabalhando, verdade? - Seu tom era doce, hipnótico, compelidor. Olhava diretamente aos olhos do homem, lhe mantendo cativo ali. Esperando o nome. Esperando a verdade.

Na soleira da porta, Hannah gritou uma saudação ao Jonas Harrington.

- Como de costume, chega um pouco tarde. Ainda não consegui te sobrepor a esse cacoete de chegar sempre tarde à escola. Sempre você gostava de fazer sua entrada ao menos dez minutos depois do sino. - Tinha uma mão no quadril e lançou a sedosa massa de cabelo ondulado por cima de seus ombros. - Então era gracioso, agora é criminal.

Deliberadamente Jonas se aproximou dela, curvando-a com seu corpo muito maior.

- Alguém deveu te pôr sobre seus joelhos faz muito tempo. - As palavras foram muito baixas para que ninguém mais as ouvisse e ele seguiu passando junto a ela até entrar na habitação. Solo durante um instante seus olhos brilhantes a atravessaram, queimando-a.

Cada mulher da habitação reagiu, todos os olhos se fixaram no Jonas. Hannah levantou uma mão em silenciosa admissão de que lhe tinha provocado.

Permitiu que o resto dos oficiais de polícia entrasse na habitação antes de levá-los cães à habitação contígua. Damon notou que não voltava.

Todas as mulheres estavam exaustas. Damon desejou que todo mundo se fossem. Parecia mais importante pôr mais chá nas mãos das irmãs Drake, agasalhá-las com mantas, defendê-las de olhos curiosos nesse momento em que eram tão obviamente vulneráveis. Permaneceu perto de Sara enquanto a interrogavam repetidamente. O forense examinou o corpo e a equipe da cena do crime passou pela habitação.

Cada uma das irmãs fez sua declaração, assim pareceu passar uma eternidade até que Damon teve a casa de novo sob seu controle.

- Obrigado, Abbey, Não sei como lhe arrumou isso para conseguir esse nome, mas espero que serão capazes de deter qualquer outro que venha a por mim.

Abbey fechou os olhos e apoiou a cabeça contra o respaldo da cadeira.

- Foi um prazer. Responde ao telefone? Diga-lhe a Elle que estou muito cansada para falar mas que tem que contar às outras que estamos todas bem.

- O telefone não está soando. - Mas já caminhava até a cozinha para respondê-lo.

É obvio que não estava soando. Ainda. Mas o estaria. E o fez. E ele assegurou ao Elle que não deixaria sozinhas a suas irmãs e que tudo estava bem em seu mundo.

Pareceram transcorrer horas antes de poder estar a sós com Sara. Sua Sara. Antes de poder emoldurar sua cara com as mãos e inclinar a cabeça para beijá-la com cada onça de ternura que tinha em seu interior.

- Vi algo, uma sombra, escura e sombria. Sentia que estava sobre mim, comigo, e agora se foi. Soa ridículo, Sara, mas me sinto mais leveiro, como se me tivessem tirado um grande peso de cima. Sabe do que estou falando, não é?

- Sim. - Disse ela simplesmente.

O olhar do Damon se moveu possessivamente sobre a cara dela.

- Parece tão cansada. Levar-te-ia nos braços para cama, mas não chegaríamos se o tentasse.

Ela deu um sorriso.

- Por mim poderia me deixar cair ao chão. Simplesmente dormiria.

Ajudou-a percorrer o vestíbulo até as escadas.

- Hannah está no torreão que conduz a ameia, não?

Sara estava encantada de que ele soubesse.

- O mar a atrai. O vento e a chuva. Ajudá-la-á estar ali, no alto, onde pode vê-lo. Alegro-me que entenda.

Subiu as escadas atrás dela, preparado para interromper sua queda se fosse preciso. Preparado para fazer o que fosse necessário para protegê-la.

- Parece-me surpreendente sentir o poder nesta casa, mas sinto. Sou um cientista. Nada disto tem sentido, o que são você e suas irmãs. Diabos, nem sequer sei como te descreveria, mas sei que é real.

- Fica comigo esta noite, Damon. - Disse Sara. - Sinto-me muito fraca, como manteiga derretida. Quando você está comigo, não me sinto tão perdida.

- Teria que me expulsar daqui a chutes, Sara. - Replicou sinceramente. - Sei que te amo e que quero que seja minha esposa. Nem sequer quero que nos separemos.

- Eu sinto o mesmo, Damon. - Sara abriu a porta de seu quarto e caiu sobre a grande cama de quatro colunas. Olhou para ele, tão bonita, ali deitada, esperando que se deitasse a seu lado.

Sua janela dava para o mar. Damon podia ver a água, de um azul profundo, ondas levantando-se altas, derramando-se, batendo na praia e retirando-se como tinham feito desde há muitos anos. A paz morava em seu coração e sua mente. Uma risada suave chegou de várias partes da casa. Estendeu-se através do ar, e encheu a casa de alegria. Sara estava de volta. Sara estava em casa. E Damon tinha voltado para casa com ela.

FIM